

COLEÇÃO
HORIZONTES
DO PATRIMÔNIO
CULTURAL



O PATRIMÔNIO CULTURAL FUNERÁRIO CATARINENSE

Elisiana Trilha Castro

Capa:

Cemitério de São Martinho Alto
(acervo da autora)

Elisiana Trilha Castro

Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela UFSC, no programa de Arquitetura & Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade e graduada em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). É vice-presidente da Associação Brasileira de Estudos Cimiteriais (ABEC) e autora dos livros *Hier Ruht in Gott*: inventário de cemitérios de imigrantes alemães da região da Grande Florianópolis, *Ruhe Sanft*: inventário do cemitério de imigrantes alemães de São Martinho Alto, *In frieden*: inventário dos cemitérios de imigrantes alemães de São Martinho e co-autora de *Cemitérios no caminho: o patrimônio funerário ao longo do Caminho das Tropas nos Campos de Lages*.

O PATRIMÔNIO CULTURAL FUNERÁRIO CATARINENSE
Elisiana Trilha Castro

COLEÇÃO HORIZONTES DO PATRIMÔNIO CULTURAL
Volume 1

O PATRIMÔNIO CULTURAL FUNERÁRIO CATARINENSE
Elisiana Trilha Castro



Florianópolis, 2017

C355p Castro, Elisiana Trilha

O patrimônio cultural funerário catarinense / Elisiana Trilha Castro – Florianópolis: FCC, 2017.

54 p. ; il. 15 cm (Coleção Horizontes do Patrimônio Cultural, v.1)

ISBN 978-85-85641-24-5

CDD: 363.69

CDU: 908

1. Patrimônio Cultural. Santa Catarina. 2. Monumentos funerários – Santa Catarina. 3. Patrimônio cemiterial. I. Título. II. Coleção.

Elaborado por Antonio José Santana Vieira CRB 14/1405

GOVERNADOR DO ESTADO DE SANTA CATARINA

João Raimundo Colombo

SECRETÁRIO DE ESTADO DE TURISMO, CULTURA E ESPORTE

Leonel Pavan

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA

Rodolfo Joaquim Pinto da Luz

DIRETORA DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL

Vanessa Maria Pereira

EQUIPE TÉCNICA

COLEÇÃO HORIZONTES DO PATRIMÔNIO CULTURAL

Fábio Andreas Richter – Editor

Moysés Lavagnoli da Silva – Designer gráfico

Marcos Heimbert Karro e Vera Collares – Revisores de texto

APRESENTAÇÃO

“... a morte quando é vista a partir de sua perspectiva cultural, torna-se pretexto para o debate sobre a vida.”

(Elisiana Trilha Castro)

A Fundação Catarinense de Cultura, ao publicar o presente livro/guia, dá um testemunho de valorização da questão patrimonial, e reconhece o conjunto arquitetônico funerário, seus ritos e importância de seus bens, materiais e imateriais, como imprescindíveis à história das cidades.

Os cemitérios, lugares de memórias, como bem afirma a autora, são fontes de informações para o estudo da história e cultura dos povos. Preservá-los e divulgar suas histórias é um meio de garantir a perpetuação de registros, fatos, datas, diversidades, tanto étnica, religiosa e racial - bem como outras fontes - compromisso que o estado, minimamente, deve ter com a Cultura.

Ao apresentar este livro, a Fundação Catarinense de Cultura, com muito prazer, democratiza o acesso à cultura cemiterial, reconhece o trabalho da equipe que tem pesquisado o assunto e, sente-se orgulhosa de propiciar a publicação do primeiro guia sobre a expressão cultural de nosso patrimônio funerário, bem como sua preservação. Que este guia sirva, além de sua proposta primordial, de motivação para se lançar novos olhares sobre a VIDA!

Rodolfo Joaquim Pinto da Luz
Presidente da Fundação
Catarinense de Cultura

Sapere Aude¹

¹ Do latim, "ouse saber".

COLEÇÃO HORIZONTES DO PATRIMÔNIO CULTURAL

O Patrimônio Cultural possui múltiplas manifestações e é de uma complexidade inerente àquele que o cria e dá significado: o ser humano. A partir dessa perspectiva, entender minimamente e pensar formas de abordar as múltiplas manifestações do Patrimônio Cultural são necessidades constantes para aqueles que atuam neste campo, uma necessidade ainda maior no caso de Santa Catarina, estado que apresenta uma diversidade cultural surpreendente.

A Coleção Horizontes do Patrimônio Cultural é uma iniciativa da Fundação Catarinense de Cultura (FCC) que visa estimular não só o entendimento, mas também a divulgação e reflexão sobre formas e possibilidades de abordar as múltiplas facetas do Patrimônio, esperando dessa maneira também subsidiar eventuais políticas públicas que contemplem tais manifestações.

Temas como a paisagem cultural, os patrimônios ferroviário, industrial, indígena, afro-brasileiro, os itinerários culturais, dentre outros, são possibilidades temáticas que se apresentam para a Coleção na medida em que demandam a abordagem e o desenvolvimento de uma reflexão sobre suas características e manifestações em nível estadual.

A Coleção Horizontes do Patrimônio Cultural se propõe a começar por um tema que apesar de instigante, freqüentemente desperta estranhamento naqueles que inicialmente o abordam sob uma perspectiva cultural, trata-se do Patrimônio Cultural Funerário.

Fábio Andreas Richter
Editor

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO // 13

CAPÍTULO 1 - PATRIMÔNIO: VELHOS LUGARES, NOVOS OLHARES // 14

O que é patrimônio funerário? // 14

Por que a dificuldade de perceber o valor destes bens? // 15

Quais os motivos para sua preservação? // 15

Cemitérios, uma grande trajetória // 16

Tipos cemiteriais // 18

CAPÍTULO 2 - O PATRIMÔNIO FUNERÁRIO CATARINENSE // 19

1. Região Oeste // 20

2. Região Meio-Oeste // 21

3. Região da Serra // 22

4. Região Sul // 23

5. Região da Grande Florianópolis // 25

6. Região do Vale do Itajaí // 27

7. Região Norte // 29

Outros elementos singulares // 30

1. Santos populares // 30

2. Cruzes no caminho // 31

3. Fotos post-mortem // 31

4. Celebrações dos mortos // 31

5. Lápides apagadas // 32

CAPÍTULO 3 - POSSIBILIDADES E INICIATIVAS DE PRESERVAÇÃO DOS ACERVOS FUNERÁRIOS // 33

1 - Tombamento // 33

2 - Iniciativas públicas // 35

3 - Publicações e documentos de referência // 35

4 - Organizações, associações e iniciativas // 36

5 - Turismo funerário // 37

Mas, o que podemos fazer? // 39

CONSIDERAÇÕES FINAIS // 40

REFERÊNCIAS // 41

ANEXO // 46

GLOSSÁRIO // 48

Lista de Figuras

- Imagem 1 - Panorâmica do Cemitério de Alysamps (França) // 17
Imagem 2 - Mapa das regiões catarinenses // 20
Imagem 3 - Iporã do Oeste // 20
Imagem 4 - Xaxim // 21
Imagem 5 - Novo horizonte // 21
Imagem 6 - Irani // 21
Imagem 7 - Fraiburgo // 21
Imagem 8 - Treze Tílias // 22
Imagem 9 - Bom Jardim da Serra // 22
Imagem 10 - São Joaquim // 22
Imagem 11 - Painel // 23
Imagem 12 - Lages // 23
Imagem 13 - Urussanga // 23
Imagem 14 - Laguna // 24
Imagem 15 - Nova Veneza // 24
Imagem 16 - São Martinho // 24
Imagem 17 - Florianópolis // 25
Imagem 18 - Florianópolis // 25
Imagem 19 - Florianópolis // 26
Imagem 20 - São Bonifácio // 26
Imagem 21 - Antônio Carlos // 26
Imagem 22 - Palhoça // 26
Imagem 23 - São Pedro de Alcântara // 27
Imagem 24 - Rancho Queimado // 27
Imagem 25 - Placa em Santa Bárbara // 27
Imagem 26 - Lontras // 28
Imagem 27 - Blumenau // 28
Imagem 28 - Rodeio // 28
Imagem 29 - Cemitério de gatos de Edith Gaertner // 29
Imagem 30 - Joinville // 29
Imagem 31 - Joinville // 29
Imagem 32 - São Bento do Sul // 30
Imagem 33 - Porto União // 30
Imagem 34 - São Francisco do Sul // 30
Imagem 35 - Fotografia post-mortem infantil // 31
Imagem 36 - Cemitério do Batalhão (PI) // 34
Imagem 37 - Cemitério da Soledade (PA) // 34
Imagem 38 - Cemitério de Vila Itoupava // 36
Imagem 39 - Cemitério Monumental de Staglieno // 37
Imagem 40 - Visitantes no túmulo de Evita Perón no Recoleta // 38
Imagem 41 - Túmulo de Jim Morrison no Père- Lachaise // 38
Imagem 42 - Cemitério acatólico de Roma // 38
Imagem 43 - Partes de um túmulo // 40

INTRODUÇÃO

A proposta deste guia pode causar curiosidade e espanto. Contudo, a riqueza deste patrimônio, com destaque para o encontrado em Santa Catarina, é capaz de fazer o assombro dar lugar a uma série de novas possibilidades de olhar a morte e os mortos.

Pode parecer estranho, mas apesar dos silêncios em torno da morte, quando ela é vista a partir de sua perspectiva cultural, torna-se pretexto para o debate sobre a vida. A partir de cemitérios, ritos e demais elementos funerários, a dinâmica das relações humanas se manifesta e possibilita importantes indagações sobre a nossa humanidade.

Neste guia, a morte é o momento para perceber as manifestações de homens e mulheres em diferentes perspectivas. A partir de sua condição de patrimônio cultural, os elementos funerários possibilitam novos olhares sobre as ações relacionadas ao momento da morte.

A Fundação Catarinense de Cultura (FCC), ao apoiar e subsidiar este guia, firma uma posição importante com relação à sua concepção patrimonial, por considerar que a sua dimensão se expressa na materialidade e na imaterialidade de diferentes esferas da vida humana, incluindo o seu fim. O pioneirismo deste projeto é resultante do reconhecimento de que o conjunto formado pela arquitetura, seus ritos e demais bens funerários são de suma importância para a história das cidades, de homens e mulheres que os legitimam com suas práticas, crenças, intenções e obras.

Esta iniciativa também vai ao encontro de ações requeridas por representantes de comunidades instaladas em diversas regiões de nosso estado que, por meio de solicitações e projetos, expressaram, ao longo das últimas décadas, o desejo de preservar espaços de sepultamentos por considerarem o seu valor para a memória e a história de seus municípios.

Este guia celebra a união de vontades, reflexões e de posturas voltadas a repensar o lugar do patrimônio em nossas cidades. Os bens funerários, em especial os cemitérios conjuntamente com seus elementos materiais e imateriais, são apenas uma das muitas possibilidades de pensar sobre homens e mulheres e suas atitudes culturais. Um tipo patrimonial que requer um olhar sensível sobre seu conjunto e que sempre esteja cercado de atitudes e tratos mais próximos do patrimônio imaterial para que se possa aproximar com mais intensidade da riqueza de seu acervo.

Pretende-se, enfim, que a morte ocupe outros lugares, menos tristes e distantes. Que ela retome a cena, mais do que para lembrar o nosso fim; que retome a cena principalmente para valorar a vida que temos. Começemos, então, uma viagem, por vezes temerosa, mas que nos encaminhará por novos objetos para pensar a cultura de nosso povo, de nossa terra e, quiçá, nossas vidas.

A autora.

CAPÍTULO 1 - PATRIMÔNIO: VELHOS LUGARES, NOVOS OLHARES

O conceito sobre o que é patrimônio cultural modificou-se, de forma significativa, ao longo das últimas décadas. De ações mais direcionadas ao patrimônio edificado, os órgãos de proteção de patrimônio, como o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), bem como as entidades estaduais e municipais foram incorporando iniciativas voltadas a preservar elementos e práticas sociais, antes pouco valoradas dentro do que se denominava patrimônio histórico. Sendo o órgão federal responsável por catalisar e promover diretrizes nacionais para as demais instituições de preservação, é fundamental destacar que o IPHAN, nascido em 1937 como Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), no anteprojeto de criação elaborado por Mário de Andrade, tinha, dentre suas diretrizes, uma definição mais ampla de patrimônio. Ela incluía músicas populares, contos e lendas, inclusive os monumentos funerários, as capelas e as cruzes mortuárias de beira-estrada (ANDRADE, 1984).

Contudo, o anteprojeto sofreu alterações até à elaboração do texto final que deu origem ao Decreto-Lei nº 25, que criou o SPHAN (IPHAN, 2014) e, durante as suas primeiras décadas, orientou-se para pensar o patrimônio, a partir de itens, sujeitos e momentos que representavam a relação com o passado e a tradição. Nesta visão, buscavam-se os heróis nacionais, personagens da história brasileira e o patrimônio edificado de igrejas, palácios e fortificações.

Nas últimas décadas do século XX, outras perspectivas foram incorporadas às políticas preservacionistas, possibilitando as primeiras ações que engendraram a ampliação do conceito de bem nacional, incorporando como bens as ações e apropriações populares, credos e crenças religiosas até então desconsideradas, com destaque neste período para a ação de tombamento do terreiro da Casa Branca em Salvador, em 1984 (VELHO, 2006, p. 1). Na ampliação do próprio conceito, e de seus usos, foi possível observar a entrada em cena de novos objetos das políticas patrimoniais,

dentre eles, os cemitérios. Deve ser dada ainda ênfase para a Constituição Federal de 1988, que reconheceu como bens tanto os de natureza material como os de natureza imaterial, estes últimos passando a contar com instrumentos para sua preservação, como o Registro e o Inventário (IPHAN, 2013).

No tocante ao patrimônio funerário, os tombamentos a ele relacionados começaram já na década de 1930, com o cemitério da Igreja de São Francisco da Penitência e do Cemitério do Batalhão no Piauí, ambos tombados pelo IPHAN em 1938, seguindo outras ações ao longo das décadas seguintes. Mas, em comparação aos demais bens protegidos durante o mesmo período e mesmo se considerarmos que atualmente o IPHAN registra 45 mil bens imóveis tombados, o patrimônio funerário ainda figura pouco nas listas preservacionistas, mas já foram dados importantes passos para o seu reconhecimento, destacando a recente ação da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (Correios) com o lançamento de selos comemorativos com cemitérios tombados pelo IPHAN (2013).

O que é patrimônio funerário?

O termo patrimônio funerário diz respeito ao conjunto de bens, materiais e imateriais, encontrados em locais de sepultamentos, acervos diversos, cemitérios e demais espaços e práticas relacionadas com a morte. Entende-se que este patrimônio incorpora, além dos elementos mais diretamente relacionados aos cemitérios, também os lugares, atividades e ritos, dentre os quais podemos citar os costumes de preparação do corpo e de velórios, tipos de cortejos e ritos como as celebrações pela passagem de datas, como o Dia de Finados, missas de Sétimo Dia, cultos em lugares de morte dos conhecidos “santos populares”, acervos pessoais e de empresas do ramo funerário. O conjunto é amplo e diverso. Nosso país comporta uma série de ricas relações das mais variadas origens que formam as práticas e crenças funerárias brasileiras.

Por que a dificuldade de perceber o valor destes bens?

Cercada de muitas perguntas e poucas respostas, a morte é um fato biológico que causa a cessação da vida, mas é culturalmente aprendida e tem mudado ao longo da trajetória humana. Os elementos, lugares e práticas que a ela correspondem, muitas vezes, sofrem certo repúdio por sua ligação com o momento que impõe a homens e mulheres o fim de sua trajetória e daqueles que amam. Principalmente, os cemitérios, que são marcadamente o lugar por excelência de histórias capazes de espantar os vivos, são também o local das dores e saudades, por abrigar em seu espaço os corpos sem vida dos entes queridos.

Dos bens e sítios funerários, o cemitério é parte importante da dinâmica das relações em torno da morte e o mais presente nas ações de preservação patrimonial. Eles cumprem uma função essencial na sociedade e urbanisticamente organizam a vida alojando, de forma adequada, os corpos mortos. Contudo, eles são mais do que isso: são retratos das cidades que deles dependem e estabelecem diálogos com a cultura, com as crenças religiosas e com a dinâmica que cerca os que deles fazem uso.

Quais os motivos para sua preservação?

Ao preservar um cemitério, a este são incorporados valores que não se ligam somente à sua função de guardar os corpos sem vida. Creditam-se a ele valores religiosos, sociais, arquitetônicos, históricos, artísticos e ambientais ligados, geralmente, a uma determinada forma de representar as cidades, a história e a memória coletiva.

Com certeza o impedimento para sua presença entre os bens a serem preservados não é a falta de cemitérios para preservação ou a não existência de monumentos funerários com importantes referências culturais transmitidas por meio de características, como tamanho e formato de túmulos, símbolos utilizados, práticas como o uso de flores e de velas. Ou seja, existem muitos motivos para justificar a sua importância como caracterizadores dos costumes, crenças e práticas sociais, o que se estende aos outros tipos de acervos relacionados

com o evento da morte. Elementos culturais que, muitas vezes, escondem-se entre outras referências mais destacadas, como o de ser o lugar do luto, do assombro, da saudade e da despedida.

Apesar do aumento substancial do interesse pelo tema, pode-se afirmar que a discussão em relação à configuração dos cemitérios e dos demais elementos do acervo funerário, como parte do patrimônio cultural, ainda é incipiente, principalmente no Brasil. Isso deve concorrer sobremaneira para o desprezo ao qual estão sujeitos e com o estado de abandono percebido durante anos de pesquisa, principalmente, na situação dos túmulos mais antigos que não contam, muitas vezes, com quem possa zelar por eles e igualmente dos seus livros de registros.

No caso dos cemitérios, por diferentes motivos podemos preservá-los. Neles estão registrados importantes elementos capazes de permitir lançar um olhar sobre a cidade a partir do que está em sua arquitetura e imaterialidade. Pode-se, enfim, afirmar que ele já nasce como lugar de memórias e de histórias.

É um local de sepultamentos, mas também pode ser fonte de informações ou referências para o estudo da história e da cultura. Os seus monumentos servem na contemporaneidade, com o afastamento da morte do cotidiano, para lembrar aos homens sua finitude ou para lembrar sobre episódios que não devem ser repetidos, como os locais de guerras e conflitos, no caso dos cemitérios de combatentes presentes na região do Contestado, no meio-oeste catarinense.

Para o pesquisador Harry Bellomo, os cemitérios podem ser analisados como fontes para a preservação da memória familiar e coletiva, por meio de suas inscrições, fotos, datas, dados pessoais ou profissionais; para o estudo de religiosidade, para estudo de expressões do gosto artístico, de preservação das identidades étnicas, dentre outras (BELLOMO, 2000, p. 16).

Ainda sobre as razões para ações de preservação, é importante considerar que o cemitério pode ser o único lugar de registros, como nomes e datas, não mais existentes em outras fontes, tais como arquivos de igrejas ou cartórios. E, inclusive os contemporâneos e ainda em uso, são preciosos documen-

tos da história social, como as alterações do gosto artístico e do design destes locais (GOCC, 2013).

Na perspectiva do patrimônio cultural, como “[...] tudo aquilo que constitui um bem apropriado pelo homem, com suas características únicas e particulares” (FUNARI; PINSKY, 2005, p. 08), os bens funerários, bem como os demais elementos que compõem o conjunto da produção humana, podem assim ser apropriados como representantes ou como bens de referência cultural para determinado grupo ou lugar. Também a Constituição Federal, em seu art. 216, estabelece que é considerado patrimônio cultural:

[...] os bens de natureza material e imaterial tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I) as formas de expressão; II) o modo de criar, fazer e viver; III) as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV) as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V) os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (PR, 2014).

Considerando esta definição, os cemitérios e demais bens mortuários se encontrariam, por diferentes aspectos, entre os elementos ou espaços a serem preservados. Contudo, de todos os bens deste conjunto, os cemitérios são os mais lembrados, por sua centralidade na configuração das práticas e manifestações mortuárias. Consequentemente sua trajetória é importante para o debate sobre o lugar da morte no campo do patrimônio cultural.

Cemitérios, uma grande trajetória

Presente em diferentes momentos históricos, desde os mais pretéritos assentamentos humanos, o local dos mortos foi praticamente um dos principais lugares no qual se registrava a presença humana, senão o primeiro, já que muitas vezes precediam as construções destinadas aos vivos. O

que se pode aplicar ao caso das cidades brasileiras que, de acordo com o arquiteto Renato Cymbalista, antes mesmo de se formarem, tinham sua coesão por meio da organização religiosa, que incluía as missas, as procissões e os funerais, sendo que “[...] os mortos pesavam decisivamente na organização intraurbana” (CYMBALISTA, 2002, p. 30).

A importante relação entre vivos e seus mortos já estava presente no mundo antigo. Esta relação formou a base das instituições domésticas e sociais, destacando-se, a preocupação em garantir uma sepultura digna acompanhada dos ritos fúnebres. As cidades ocidentais equiparam-se, ao longo de sua trajetória, de cemitérios, e estes, já se localizaram ao longo de estradas, como nas necrópoles romanas ou a “cidades dos mortos”, com seus monumentos, que podiam ser vistos pelos viajantes e demais transeuntes já antes de Cristo. Além de o cemitério estar afastado dos centros urbanos, nas necrópoles de Roma destaca-se a presença de epitáfios personalizados que hoje fornecem importantes indícios sobre o cotidiano das relações neste período, evidenciando o seu valor documental, como no epitáfio que segue:

Aqui jaz Vario, de nome Frontiniano. Enterrado por sua doce esposa Cornelia Gala. Que para evocar os doces prazeres da vida passada mandou gravar seu rosto, seus olhos e sua alma em mármore para que por muito tempo pudesse saciar-se de sua querida imagem. Sua contemplação a aliviará, pois a garantia de seu amor leva escondida em seu peito e na doçura que lhe proporciona sua mente ao recordá-lo e não poderá, com um esquecimento fácil, desaparecer de seus lábios, mas enquanto viva, seu marido encherá todo seu coração (LFV, 2013).

Com o advento do Cristianismo, a necrópole deu lugar ao cemitério. O novo termo diz respeito ao lugar de dormir, de descanso (REZENDE, 2007, p. 12), afirmando-se como um local de fé na espera pelo Juízo Final. O termo necrópole ainda é utilizado para cemitérios de grandes cidades, geralmente com acervo formado por obras monumentais ou



Imagem 1 - Panorâmica do Cemitério de Alyscamps (França). Fonte: Acervo pessoal da autora

para os locais de sepultamento de cidades antigas, como a necrópole Les Alyscamps¹ (Imagem 1) localizada em Arles na França (PVA, 2013).

Ao longo da Idade Média e Moderna, os locais de sepultamento eram preferencialmente localizados no meio das cidades, dentro das igrejas ou em seu entorno, possibilitando uma relação de proximidade entre vivos e mortos. Partilhavam-se os principais eventos do cotidiano, inclusive os ritos mortuários como os cortejos e os sepultamentos. No Brasil, como em outros países marcados pela religiosidade católica, até a segunda metade do século XIX, as sepulturas eram feitas em torno dos altares, nas paredes e no chão de igrejas e, quanto mais próximos aos santos e ao altar principal, mais digno e desejado era o local da sepultura (REZENDE, 2007, p. 12).

Este modelo segue praticamente até as primeiras décadas do século XIX, quando aparecem as primeiras recomendações e debates sobre o perigo de sepultar os mortos em lugares fechados e em áreas centrais das cidades. Durante o século XIX, a afirmação de uma nova ordem econômica e social

ditada pelos signos e práticas da classe burguesa, ideais iluministas e o medo de contaminação dos vivos pelos mortos pelos “miasmas”² foi “[...] uma das principais armas esgrimidas a favor da criação de necrópoles extraurbe,” (CATOGRA, 1999, p. 168).

Os cemitérios saem de dentro das igrejas e o parisiense Père Lachaise, construído em 1804, foi considerado como grande modelo para os novos locais a céu aberto. Para a arquiteta Maria Manuel Lobo Pinto de Oliveira (2007, p. 98), ele é uma matriz para a concepção da necrópole moderna cristã, tendo influenciado muitos cemitérios pelo mundo, caso dos cemitérios norte-americanos, dos oitocentistas alemães e ingleses e também no Brasil, além de atrair atualmente milhares de turistas na França.

Tendo como aspiração o modelo do Père Lachaise, o cemitério extramuros surgiu em muitas cidades, inclusive em brasileiras, em sítios distanciados dos centros urbanos, administrados pelo poder público e fora das paredes das igrejas, em um formato próximo aos cemitérios encontrados atualmente e conhecidos como secularizados ou públicos. Apesar do lugar distanciado dos cemitérios a céu aberto,

1 Este cemitério é aberto à visitação e conta com projetos de preservação.

2 Para este e outros conceitos, ver o glossário no final desta obra.

os ritos fúnebres ainda continuaram, por décadas, ocorrendo em relativa proximidade dos vivos, com os cortejos pelas ruas, e os velórios, em sua maioria, nas residências.

A morte era, ainda, um evento social e religioso que contava com a participação de parentes, vizinhos e comunidade, comandado pelo padre, com destacada participação das irmandades. No caso dos ritos católicos, eles poderiam iniciar nas últimas horas do moribundo com a extrema-unção, seguindo com o velório, cortejo e culminando com o enterro. As irmandades católicas organizavam e atuavam de forma destacada durante o evento da morte e depois com os cultos e orações.

Além dos ritos de preparação do corpo e dos que seguiam até as celebrações pela alma do finado, fazia parte deste contexto a elaboração dos testamentos que servem como um documento essencial para acerrar-se do pensamento fúnebre neste período. Os testamentos trazem recomendações de orações e outros ritos, sendo uma forma de preparação para a morte, antecipada com a composição destes documentos que previam detalhes sobre o funeral, além de tratar de assuntos menos religiosos (PAGOTO, 2004, p. 31).

Tipos cemiteriais

Apesar da existência em Santa Catarina de muitos cemitérios de influência protestante, a maioria dos cemitérios encontrados em solo brasileiro tem grande influência, em sua arquitetura e ritos, da religião católica. Esta religiosidade os ordenou espacialmente, o que pode ser visto na presença de cruzes, altares e espaços destinados às irmandades na paisagem de muitos dos nossos espaços cemiteriais. Assim sendo, o processo de secularização que retirou os cemitérios e sua administração das mãos da Igreja católica não eliminou sua presença física dos cemitérios convencionais e públicos.

Atualmente, podemos encontrar diferentes tipos cemiteriais, dos quais podemos destacar dois modelos predominantes: os horizontais e os verticais. Na definição de Hugo Pereira de Carvalho, os horizontais possuem construções tumulares em uma área aberta e podem apresentar-se no formato **jardim** e no entorno de igrejas, com discretas placas

indicando o local de sepultamento, e na forma de **tradicionais** (também conhecidos como públicos, seculares ou convencionais), apresentando monumentos funerários, como o cemitério Campo Santo da Bahia, o da Consolação em São Paulo e o São Francisco de Assis em Florianópolis. Já os verticais são edifícios com espaços destinados aos sepultamentos em seus andares (CARVALHO, 2012, p. 44-45).

O cemitério vertical, diferentemente dos tradicionais, que são usualmente instalados em áreas distantes, pode estar próximo aos centros, possibilitando o acesso rápido tal como um prédio comercial. No Brasil, em Santos, a Memorial Necrópole Ecumênica começou a ser erguida em 1983 e é considerado o cemitério vertical mais alto do mundo, segundo o Guinness Book of the Record, e está na lista de pontos turísticos nas secretarias de Turismo de Santos e do Estado de São Paulo (GRUPO ALTS-TUT, 2012).

Ainda podemos incluir os crematórios que já oferecem espaços para colocação de cinzas, como os lóculos ou mesmo locais para aspersão das cinzas. A cremação tem crescido muito nos últimos anos, e Santa Catarina já conta com crematórios em cidades como Balneário Camboriú e Blumenau.

CAPÍTULO 2 - O PATRIMÔNIO FUNERÁRIO CATARINENSE

Os cemitérios podem se apresentar de diferentes formas, influenciados significativamente pelos preceitos religiosos e culturais. Na questão da arte funerária é preciso considerar ainda que a presença ou a escolha de determinados símbolos, ornamentos e formatos tumulares, além de envolver questões religiosas, envolve também questões estéticas e de gosto daqueles que os constroem, como também a disponibilidade de modelos e fornecedores e as condições financeiras para a aquisição destes elementos.

Além destas questões, no caso de Santa Catarina, a sua diversidade cultural, fruto da chegada de imigrantes a partir do século XVIII e de outras culturas já aqui instaladas, também aparece em seu patrimônio funerário. Os diferentes formatos cemitieriais e a heterogeneidade das práticas mortuárias formam a identidade deste segmento patrimonial em nosso estado.

Em Santa Catarina, aos cemitérios do tipo convencional ou público, de forte influência da arte tumular italiana e do credo católico, somaram-se outros modelos. A presença em nosso Estado de comunidades com diferentes formações étnicas, religiosas e culturais também é percebida nos cemitérios e ritos, de tipos diversos como os cemitérios de áreas de imigração italiana, germânica e até mesmo ucranianas, os de confissão protestante, sítios de sepultamentos pré-históricos e aqueles onde ocorreram mortes em combate.

Ao reconhecer a diversidade do acervo funerário catarinense, a descrição dos formatos cemitieriais e ritos catarinenses, neste guia, não se propõem a esgotar as variações presentes em nosso conjunto, mas sim apontar algumas delas e as mais comuns como forma de aproximar o olhar, do público e das instituições, de algumas das inúmeras possibilidades materiais e imateriais deste acervo. Importante ainda destacar que as pesquisas nesta área são recentes e ainda estão longe de nos fornecer um panorama mais preciso sobre os tipos e modelos encontrados em nosso Estado. Considerando as diferentes contribuições culturais, sublinham-se

ainda os poucos trabalhos voltados aos sítios de sepultamento indígenas e quilombolas em Santa Catarina.

A existência de outros formatos e práticas é esperada, e nisto consiste o objetivo deste guia: estimular a preservação dos bens funerários e seu conhecimento mais amplo. A partir de tais premissas decidiu-se indicar, por regiões, alguns tipos e formatos.

Porém, para entender o nosso patrimônio funerário, é preciso antes localizá-lo no conjunto mais amplamente brasileiro para depois indicar suas características. Durante o século XIX, da Itália propagou-se um arquétipo que inspirou a instalação dos primeiros cemitérios a céu aberto com a construção de obras tumulares ricas em ornamentos e esculturas. A arquitetura funerária, trazida para o Brasil pelos marmoristas italianos, com a instalação de suas oficinas (BORGES, 2002, p. 52) ou mesmo as obras importadas, influenciou a paisagem dos cemitérios como ocorreu com outros países ocidentais, mas esta condição não define por completo nosso conjunto cemitierial.

Nas considerações feitas na década de 1970, por Clarival do Prado Valladares, diante de um acervo tumular consideravelmente melhor preservado do que na atualidade, a monumentalidade e o fausto encontrados em cemitérios europeus não aparecem como a característica mais marcante dos cemitérios brasileiros. Os cemitérios que mais se aproximaram dos padrões europeus, apresentando um maior conjunto de obras monumentais e esculturas, foram instalados em cidades de nosso país onde ocorreu uma maior concentração de riqueza e que, portanto, tiveram mais contato e possibilidade de acesso ao que era produzido na Europa.

Para Clarival, a diferença entre os cemitérios brasileiros está nas características econômicas das regiões e no poder de aquisição do que ele chama de "superfluidade" (VALLADARES, 1972, p. 280) de cada meio, o que pode ser observado em São Paulo e Rio de Janeiro, nos seus cemitérios da Consolação e São João Batista respectivamente, que, para ele, eram os que mais se aproximaram da "[...] pomposidade dos cemitérios das cidades europeias, centros industriais e mercantis e sede de fortunas individuais" (VALLADARES, 1972, p. 280). Nestas

idades e outros centros de importância econômica, são os jazigos importados de Portugal, da França e, especialmente, da Itália que possibilitaram a aproximação de nossos cemitérios ao gosto e estilo europeu.

No caso do acervo funerário catarinense, os cemitérios, mesmo os instalados em comunidades italo-brasileiras, não apresentam a grande monumentalidade arquitetônica e diversidade escultórica encontrada em necrópoles como as italianas Di Certosa ou Staglieno e trazidas para cemitérios como o General de Santiago do Chile ou mesmo para os brasileiros, como o do Senhor do Bonfim (MG), Consolação (SP) e o Soledade (PA).

Uma boa amostra deste tipo de arquitetura mais monumental em Santa Catarina está no cemitério São Francisco de Assis, em Florianópolis, nas suas primeiras quadras, e dentro do cemitério da comunidade alemã que fica dentro do São Francisco de Assis. Ali, belos exemplares desta arte funerária são, em sua maioria, parte do acervo tumular transferido do primeiro cemitério público da capital catarinense na década de 1920. O primeiro cemitério público de Florianópolis foi instalado na parte insular onde está a ponte Hercílio Luz e apresentava um acervo de obras funerárias com arte escultórica em materiais como o mármore de Carrara, bronze e outras pedras. Contudo, com a retirada do cemitério, durante as obras da ponte e sua transferência para o atual bairro do Itacorubi, muitas das obras funerárias que ali estavam foram danificadas ou perdidas (CASTRO, 2004).

Outros exemplares da arte funerária de inspiração italiana podem ser encontrados em cemitérios como o municipal de Joinville, o Cruz das Almas, em Lages, o cemitério municipal de Tubarão, dentre outros, mas em pequena quantidade. A monumentalidade, no caso catarinense, pode ser vista em modelos de jazigos-capelas com traços arquitetônicos modernos e em materiais como alvenaria, piso e azulejo encontrados em diferentes regiões do estado. De forma geral, o que caracteriza o patrimônio funerário de Santa Catarina pode ser

encontrado nas palavras de Clarival, a seguir: “é a interpretação e construção leiga, das pequenas comunidades. É nesses que temos encontro marcado com um texto ético e um nível estético de razoável autenticidade e, por isso, de valor universal” (VAL-LADARES, 1972, p. 281).

A partir das sete regiões (Imagem 2), será apresentada uma pequena amostra do acervo funerário material e imaterial encontrado em solo catarinense, com destaque para os cemitérios e ritos.³



Imagem 2 - Mapa das regiões catarinenses
Fonte: FCC, 2013

1. Região Oeste

Em Iporã do Oeste (Imagem 3), o cruzeiro é o marco visual deste cemitério, instalado em meio ao verde e, ao contrário dos outros cemitérios destacados a seguir, não apresenta mausoléus, mas túmulos de pequeno e médio porte em granito, um formato comumente encontrado em outras regiões do estado.



Imagem 3 - Iporã do Oeste. Fonte: ANTUNES; SCHMID, 2013a

3 Esta parte do guia contou com a colaboração dos belos álbuns de fotografias disponibilizados na web, principalmente nos sites PANORAMIO e FLICKR.

No cemitério municipal de Xaxim (Imagem 4), os mausoléus parecem formar um grande muro e estão presentes em grande número com seus telhados em duas águas, remetendo ao formato característico das casas, instalados próximos às construções de menor porte, como os túmulos revestidos por azulejo e em alvenaria pintada. No pequeno cemitério de Novo Horizonte (Imagem 5), os mausoléus estão cercados pelas árvores e são elementos de destaque. Os mausoléus são característicos de outras regiões do estado, geralmente, os de predominância da religião católica.



Imagem 4 - Xaxim
Fonte: PORTAL CHAPECO, 2013



Imagem 5 - Novo horizonte
Fonte: PILON, 2013

2. Região Meio-Oeste

Os cemitérios do Contestado em Irani (Imagem 6) e em Taquaruçu (Imagem 7), interior de Fraiburgo, estão relacionados com a Guerra do Contestado e são portadores de elementos culturais deste evento. Na bela paisagem cultural da região, eles formam um acervo importante para a história dos conflitos e das vidas humanas envolvidas. No cemitério de Taquaruçu, as obras em alvenaria já aparecem tombadas pelo tempo e, em Irani, os materiais vernaculares, como a madeira, que cerca o espaço do corpo sepulto, as cruzes e a delimitação merecem ênfase.



Imagem 6 - Irani
Fonte: SALVADOR, 2013

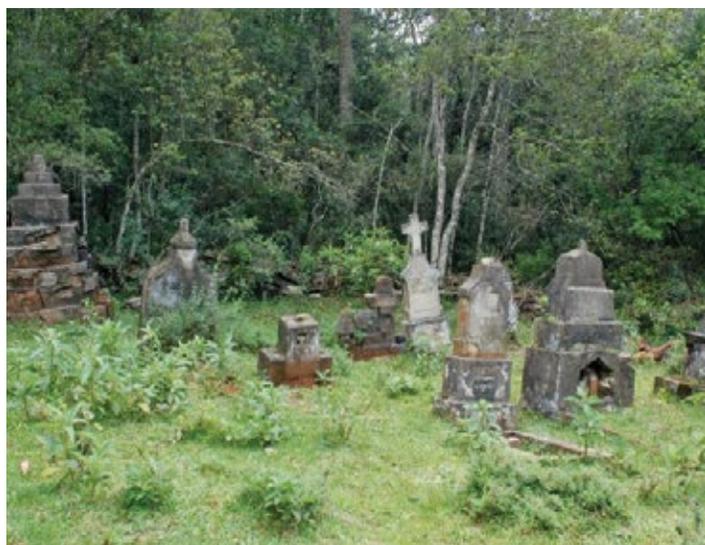


Imagem 7 - Fraiburgo
Fonte: Fragmentos do Tempo, 2013

Ainda na região meio-oeste, o cemitério do município de Treze Tílias está envolto nos referenciais da presença de imigrantes da região de Tirol, em sua maioria, austríacos. Sem mausoléus e com poucas esculturas e imagens, destacam-se as flores sobre os túmulos em uma arquitetura comedida aos moldes dos cemitérios teutos. As flores plantadas sobre o espaço do corpo sepulto, na Imagem 8, remetem aos jardins dos lares austríacos e alemães e fazem parte de um conjunto de ritos singulares destas culturas.



Imagem 8 - Treze Tílias
Fonte: BOESING, 2013

3. Região da Serra

Na região da Serra catarinense, os cemitérios de Bom Jardim da Serra (Imagem 9) e de São Joaquim (Imagem 10) são típicos exemplares dos cemitérios rurais de nosso estado. Com belas cabeceiras em alvenaria, muitos dos cemitérios desta região têm uma personalidade única: cercados por muros de pedras, os túmulos apresentam-se, quase escondidos, no meio da vegetação. No mesmo estilo são os cemitérios de Paineira (Imagem 11) e outros que acompanham o Caminho das tropas, na Coxilha Rica, como o cemitério Guarda-mor⁴ na Imagem 12 de Lages.



Imagem 9 - Bom Jardim da Serra
Fonte: IRION, 2013



Imagem 10 - São Joaquim
Fonte: FARIA, 2013

A utilização de materiais regionais é outra das características serranas, como as cruzes de madeira e as pedras em túmulos e no cercamento. Os gradis e as cruzes de ferro destacam-se com detalhes ornamentais. A paisagem da serra pontilhada por estes sítios forma um conjunto singular em um cenário pitoresco.

⁴ Esta imagem é parte do acervo de imagens utilizadas para a obra: HERBERTS, Ana Lucia; CASTRO, Elisiana Trilha. Cemitérios no caminho: o patrimônio funerário ao longo do Caminho das Tropas nos Campos de Lages. Blumenau, SC: Nova Letra, 2011. 363 p.

Outra marca dos cemitérios desta região são as devoções aos santos populares, como dos irmãos Canozzi e da cigana Sebinca Christo, que serão apresentadas mais adiante.



Imagem 11 - Painel
Fonte: ANTUNES; SCHMID, 2013b



Imagem 12 - Lages
Fonte: HERBERTS; CASTRO, 2011

4. Região Sul

Os cemitérios desta região, muitos de cidades italo-brasileiras ali instaladas, formam outra de nossas importantes matrizes funerárias. Porém, os cemitérios formados pelos imigrantes italianos em Santa Catarina estão, em grande medida, distantes da postura arquitetônica das grandes necrópoles de seu país natal, mas guardando similaridades ar-

quitetônicas com os cemitérios das regiões rurais, como os de Veneto, na Itália.

Os cemitérios da região sul, muitos deles construídos junto às igrejas, possuem uma arquitetura funerária bastante variada, com imagens sacras como a Virgem Maria, Jesus Cristo e santos de devoção. Costumam apresentar esculturas e mausoléus em estilo capela, como no cemitério municipal de Urussanga (Imagem 13), e nos mais antigos são encontrados os epitáfios escritos em dialeto italiano como: “Qui riposa la defunta [...]” ou “Qui riposa i resti mortali”⁵.



Imagem 13 - Urussanga
Fonte: TOMASI, 2010

A religião católica marcou profundamente estes locais. Em seus ritos, como a extrema-unção e a missa de Sétimo dia e em sua arquitetura está a crença na possibilidade da intercessão pelos mortos no purgatório, tais como nos cemitério luso-brasileiros encontrados em Santa Catarina (VILAR, 1995, p. 96).

⁵ “Qui riposa la defunta” (Aqui repousa a falecida) e “Qui riposa i resti mortali” (Aqui repousa os restos mortais). Tradução feita gentilmente por Julia Massucheti Tomasi.



Imagem 14 - Laguna
Fonte: SUTERO, 2012

O cemitério da Irmandade Santo Antônio dos Anjos, em Laguna (Imagem 14), incorpora em seu espaço muitos destes valores religiosos. Fundado em 1753, ele é um dos mais antigos cemitérios em funcionamento em Santa Catarina (SUTERO, 2012).



Imagem 15 - Nova Veneza
Fonte: ANTUNES; SCHMID, 2013c

No cemitério de imigrantes italianos (Imagem 15) de Nova Veneza, do século XIX, ainda podem ser vistas as cabeceiras de seus túmulos no meio da vegetação.

Na região sul, temos ainda os cemitérios de imigrantes alemães, como os de São Martinho Alto, e de Rio Sete Alto. Neles, além das características desta etnia, como o costume de organizar os túmu-

los e os altares na direção ao nascente do sol na espera de Cristo (TEIXEIRA, 2006 p. 21), destacam-se as coroas de flores roxas, amarelas, rosas e brancas, que mudam a paisagem de seus cemitérios após o dia de Finados.



Imagem 16 - São Martinho
Fonte: Acervo da Autora

Um epitáfio remanescente de um cemitério de Pedras Grandes, na localidade de Azambuja (WIKIPÉDIA, 2013), lamenta a perda de uma jovem esposa e filha aos 21 anos. Mais que um epitáfio, ele é um retrato de época em que a morte prematura de jovens mães e crianças era algo comum, com poucos recursos médicos, e demonstra a riqueza cultural existente nestes elementos:

Qui giace Caterina Passeto - Rapita dalle braccia del desolato marito e della inconsolabile famiglia il 24 settembre 1912. Madre afettuosissima, moglie esemplare volò in grembo

a Dio a soli 21 anno d'eta quando ancora le sorride va la primavera della vita. A ricordo del suo infinito dolore nel desiderio intenso di ritrovare l'angelo perduto in cielo. Dove certo è stato chiamato dal volere supremo. Questo modesto ricordo il suo consorte i suoi genitori posero prega per noi⁶.

5. Região da Grande Florianópolis

Nesta região, destaca-se a diversidade dos tipos cemiteriais e os exemplares de arte funerária do fim do século XIX e começo do XX com influência da arte funerária italiana. É nos cemitérios desta região que está parte do acervo funerário que contou com maior investimento das famílias, principalmente, as residentes na capital do estado.



Imagem 17 - Florianópolis
Fonte: Acervo pessoal da autora

É o caso do cemitério da Irmandade Nosso Senhor dos Passos (Imagem 17)⁷, que tem seu acervo bem preservado com sepultamentos em carneiras e túmulos com esculturas de grande porte.



Imagem 18 - Florianópolis
Fonte: Acervo pessoal da autora

Também é na capital que podem ser encontradas esculturas em mármore branco e bronze, partes de um acervo bem preservado pela Associação da Comunidade Alemã de Florianópolis (Imagem 18), que administra o seu cemitério, o qual fica dentro do cemitério municipal São Francisco de Assis, Itacorubi. Este espaço tem sua história relacionada com as restrições religiosas sofridas pelos protestantes, a partir das primeiras décadas do século XIX, por não professarem a fé católica. Proibidos de sepultar seus mortos junto aos católicos, os protestantes foram os primeiros a ocupar cemitérios a céu aberto no Brasil (MATOS, 2006, p. 12). O cemitério da Comunidade Alemã de Florianópolis surgiu como espaço separado em 1863, ao lado do cemitério público da capital⁸ para atender a comunidade protestante. Durante as obras da ponte Hercílio Luz, foi transferido, junto com a parte administrada pelo poder público, para o Itacorubi.

6 "Aqui jaz Caterina Passeto - Levada dos braços do seu desolado marido e da sua inconsolável família no dia 24 de setembro de 1912. Mãe muito afetuosa, mulher exemplar, voou para o colo de Deus aos 21 anos apenas, quando ainda lhe sorria a primavera da vida. Em memória da sua infinita dor e no desejo intenso de reencontrar o anjo perdido no céu, onde certamente foi chamado por vontade suprema, seu marido e seus pais deixam esta modesta lembrança. Rogai por nós". Tradução feita gentilmente por Cesare Pica.

7 As imagens dos cemitérios da Comunidade Alemã de Florianópolis, da Irmandade Nosso Senhor dos Passos, São Francisco de Assis, Rio do Ponche, do Passa Vinte, de Santa Filomena, cemitério e capela São Bonifácio e a placa de Santa Bárbara são parte do acervo de imagens utilizadas no projeto: Hier ruht in Gott: inventário de cemitérios de imigrantes alemães da região da Grande Florianópolis publicado em livro em 2008.

8 Ainda na área onde está hoje a cabeceira insular da ponte Hercílio Luz.



Imagem 19 - Florianópolis
Fonte: Acervo pessoal da autora

Ainda, no Cemitério São Francisco de Assis, destaque para o conjunto de inocentes (Imagem 19) que mantém a paisagem típica destes espaços, com pequenos túmulos e ornamentos em lugar reservado para os sepultamentos de crianças, consideradas “anjos”.

No município de São Bonifácio (Imagem 20), em Rio do Ponche, o tom de azul aparece em seu genuíno conjunto tumular, além de ornamentos em placas de cerâmicas, afixadas em cruzes de madeira. A presença da cor azul em lápides, túmulos, portas e janelas de casas é uma particularidade encontrada em diferentes regiões do estado, no Vale do Itajaí, na Grande Florianópolis e em São Martinho, no sul catarinense.



Imagem 20 - São Bonifácio
Fonte: Acervo pessoal da autora



Imagem 21 - Antônio Carlos
Fonte: Acervo pessoal da autora

O cemitério de Santa Maria (Imagem 21), em Antônio Carlos, é formado por cruces com detalhes artísticos em metal e madeira, como lambrequins, constituindo-se um dos maiores acervos deste tipo na região. São exemplares da técnica de serralheiros que produziram obras de apuro artístico também para residências e casas comerciais.



Imagem 22 - Palhoça
Fonte: Acervo pessoal da autora

Na Palhoça (Imagem 22), o cemitério municipal do Passa Vinte ocupa uma área considerável com seus túmulos em granito e mausoléus com estilo construtivo que remetem às casas de família, inclusive com detalhes como cortinas, cadeiras e jardim. O mausoléu da imagem da esquerda é indicado pelos funcionários do cemitério como sendo idêntico à casa do proprietário.

Em São Pedro de Alcântara, primeira colônia alemã de Santa Catarina, no cemitério da localidade Santa Filomena (Imagem 23), as cruzes em alvenaria, madeira e ferro estão em um acervo bem preservado com cabeceiras em alvenaria e lápides em metal.



Imagem 23 - São Pedro de Alcântara
Fonte: Acervo pessoal da autora

Em Rancho Queimado, em Taquaras, no cemitério e capela de São Bonifácio (Imagem 24), a conjugação de construção religiosa e cemitério é outro componente de destaque encontrado em nosso estado. Muitos cemitérios estão alocados no entorno de igrejas que também são destaque por sua bela arquitetura.



Imagem 24 - Rancho Queimado. Fonte: Acervo pessoal da autora

Na localidade de Santa Bárbara, também em São Pedro de Alcântara, uma placa escrita em alemão de 1924 (Imagem 25) avisa aos visitantes que ali esteve instalada a capela de Santa Bárbara, entre 1838-1915, e pede para honrar os primeiros colonizadores que ali estão sepultados. A placa lembra o valor mais premente destes sítios: mesmo não havendo mais no local as construções tumulares, pelo fato de guardarem os corpos daqueles que nos antecederam, eles se tornam locais que devem ser mantidos por sua função principal, a de sepultar os mortos.



Imagem 25 - Placa em Santa Bárbara
Fonte: Acervo pessoal da autora

Em Tijucas, na localidade de Sertão de Valongo, a comunidade quilombola ali existente apresenta singulares rituais que foram mapeados pelo Inventário Nacional de Referências Culturais do IPHAN (NAUI -UFSC, 2013). Nele, registram-se práticas mortuárias que na atualidade estão relacionadas com a Igreja Adventista, mas que ainda representam parte das referências genuínas desta comunidade.

6. Região do Vale do Itajaí

No Vale do Itajaí, os cemitérios permitem observar a formação e a ocupação da região, com destaque para o estabelecimento de imigrantes europeus na região. Seus conjuntos de pouca monumentalidade, onde predominam os modelos tumulares em alvenaria, são correspondentes aos vistos em regiões de imigração teuta na Grande Florianópolis

e no sul do estado, com rara ocorrência de mausoléus, com muitas flores, naturais e artificias, sobre os túmulos. O conjunto de ornamentos e símbolos funerários é bastante variado, formado por diferentes tipos, tais como os símbolos decorativos, epitáfios e fotografias, mas sem grandes esculturas.

Em boa parte dos cemitérios, é possível encontrar epitáfios em alemão, como Hier ruht in Gott (Aqui descansa em Deus), Ruhe Sanft (Descanse em paz), além da instalação em lugares altos. A seguir, o portal do cemitério de Lontras (Imagem 26).



Imagem 26 - Lontras
Fonte: KINDEL, 2013

Os ritos pós-morte são direcionados à família que está de luto, sem grandes solenidades, ocorrendo somente um culto para pedir conforto à família enlutada. Ao visitar os cemitérios teutos, percebe-se que mesmo os católicos apresentam uma arquitetura próxima à dos protestantes, o que também foi observado pela pesquisadora Gesônia Leite de Andrade Carrasco (2009, p.57).

No cemitério de Rodeio (Imagem 28), a seguir, percebe-se o predomínio das construções em granito, o que também se mostra como tendência em outras regiões do estado, enquadrando-se na postura dos cemitérios secularizados catarinenses: a utilização de granito e a opção por túmulos de pequeno porte e com pouca arte funerária.



Imagem 28 - Rodeio
Fonte: VENTURI, 2013



Imagem 27 - Blumenau
Fonte: CASTRO, 2010

A paisagem destes cemitérios parece relacionar-se diretamente com a postura protestante e suas crenças acerca da morte. Para esta doutrina, os vivos não podem interferir no destino dos seus falecidos e inexistente o purgatório. Tal premissa, juntamente com suas recomendações de uma vida mais austera, parece estabelecer a quase ausência de ornatos, santos ou outras esculturas, como na Imagem 27, do cemitério de Vila Itoupava⁹.

⁹ Esta imagem é parte do acervo de imagens utilizadas no projeto “Lugares de antepassados, lugares de história: inventário de cemitérios de imigrantes em Vila Itoupava (Blumenau/SC)”, coordenado pela autora.

Em Blumenau, a dedicação de Edith Gaertner, por seus gatos, fez surgir um cemitério inusitado, provavelmente, o único do mundo: o cemitério dos gatos.¹⁰ Os bichanos eram enterrados com funeral e cortejo e, atualmente, o espaço abriga esculturas em homenagem aos felinos. Instalado junto ao terreno do Museu da Família Colonial – Edith Gaertner foi doadora de parte de seu patrimônio -, o cemitério é uma de suas atrações (DPV, 2010).



Imagem 29 - Cemitério de gatos de Edith Gaertner
Fonte: LNA, 2013

7. Região Norte



Imagem 30 -
Joinville
Fonte: SILVA, 2013

Na região Norte, o cemitério municipal de Joinville chama a atenção por sua dimensão. Mas, mesmo na maior cidade do estado, não é possível encontrar muitos monumentos funerários de grande porte e ornamentação, com exceção de alguns exemplares, como o da Imagem 30.

Contudo, uma das importantes expressões de nosso patrimônio funerário encontra-se nesta cidade e tem reconhecimento nacional. O Cemitério do Imigrante (Imagem 31), criado em 1851 e tombado pelo IPHAN em 1962, é dotado de uma arquitetura típica dos cemitérios de imigrantes alemães, o que o diferencia dos tipos de cemitérios mais conhecidos no Brasil, como os secularizados. Ele é composto por túmulos em alvenaria, lápides e epitáfios com inscrições em alemão, gradis e obras em ferro, com poucas imagens de santos e anjos. Sua estética revela a influência da doutrina luterana, em suas representações funerárias e, de acordo com Clarival do Padro Valladares, ela serviu de modelo para outros cemitérios de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná (VALLADARES, 1972, p. 311). Este ato de proteção federal é o reconhecimento de uma das singularidades de nosso patrimônio funerário. Importante ainda destacar a importância do trabalho realizado pela equipe que administra o cemitério com apoio da Fundação Cultural de Joinville, dentre outros.



Imagem 31 - Joinville
Fonte: CASTRO, 2008, p. 142

¹⁰ No Rio de Janeiro, em Paqueta existe um cemitério próximo em proposta só que para pássaros. Para saber mais ver: DEZAN, 2013.



Imagem 32 - São Bento do Sul
Fonte: WUNDERLICH, 2013

Em São Bento do Sul (Imagem 32), o antigo cemitério está instalado em uma encosta, e as cabeceiras em alvenaria ganham destaque na proximidade com sepulturas horizontais e suas pequenas cruzes.



Imagem 33 - Porto União
Fonte: GUEDES, 2013

Em consonância com o verde da paisagem, os túmulos pintados na mesma cor do cemitério da comunidade ucraniana de Legrú, em Porto União (Imagem 33), formam um belo cenário de túmulos em alvenaria com a parte do corpo sepulto livre para colocação de flores.

Na mesma região, um cemitério chama a atenção pela paisagem bucólica. Formado por cruzes de madeira e cercado pela vegetação densa, próximo à Lagoa do Acaraí, o cemitério do Casqueiro em São Francisco do Sul (Imagem 34), é um dos remanescentes dos primeiros tempos de povoação lusa da ilha e marca a história da ocupação deste espaço junto com as ruínas de uma igreja, próxima ao mesmo local.



Imagem 34 - São Francisco do Sul
Fonte: BITTAR, 2013

Outros elementos singulares

1. Santos populares

Em diferentes regiões do Brasil, igualmente encontrados em outros países, temos os santos de devoção popular ou milagreiros de cemitério. Em Santa Catarina, eles também se fazem presentes com seus túmulos cercados por placas de agradecimento, conhecidas como ex-votos e oferendas. O encontro desses lugares, que também podem ser os locais de morte dos santos populares, é a oportunidade de presenciar ações cercadas por valores religiosos que dizem respeito ao catolicismo popular. Na formação destas devoções e em seus elementos materiais e imateriais é possível fazer a leitura da dinâmica cultural e social das celebrações genuínas que se manifestam no espaço cemiterial, onde convivem elementos do catolicismo oficial e de outras crenças religiosas.

Pelo Brasil, destacam-se nomes como Maria Conceição Bueno, do cemitério São Francisco de Paula, em Curitiba, e Antonio da Rocha Marmo, do Consolação, em São Paulo. Os santos populares destacam-se como marcos de uma religiosidade que, na maioria dos casos, escapa à confirmação da igreja e seus dirigentes.

Em Santa Catarina, dentre os casos mais conhecidos está o de Albertina Berkenbrock, nascida em

1919, na comunidade de São Luís, município de Imaruí. Filha de um casal de agricultores, ela foi assassinada no dia 15 de junho de 1931 com doze anos de idade. Morta em uma tentativa de estupro, a devoção em torno de Albertina fundamenta-se, principalmente, no martírio que passou para não ser violada pelo assassino. O lugar de sua morte e seu túmulo viraram pontos de romaria onde são depositadas flores, velas e ex-votos. Beatificada pelo Papa Bento XVI, em 2007, Albertina ganhou reconhecimento oficial a partir da devoção que partiu do povo. Pertencem ainda ao rol dos “santos populares”, a cigana Sebinca Christo¹¹ e os irmãos Canozzi¹², ambos sepultados no cemitério Cruz das Almas em Lages. Seus túmulos são locais de veneração visitados por fiéis que os cercam de placas de agradecimentos por graças alcançadas, ritos e orações.

2. Cruzes no caminho

Outro costume encontrado em nosso estado são as cruzes marcando estradas e locais de morte. Ao longo de rodovias ainda é comum encontrá-las, muitas vezes cercadas de flores, registrando o local onde houve a morte em acidentes de trânsito na forma de pequenos memoriais. Nos últimos anos tem aumentado a utilização de bicicletas pintadas de branco, geralmente acompanhadas da identificação do morto, sinalizando os locais onde ocorrem acidentes fatais com ciclistas (GHOST BIKES, 2013).

11 Para saber mais ver: ANDRADE JÚNIOR, 2008.

12 Para saber mais ver: NUNES, 2007.

3. Fotos post-mortem



Imagem 35 - Fotografia post-mortem infantil
Fonte: TOMASI, 2010, p. 66

Tais fotografias são encontradas em diferentes comunidades, tanto as teutas como itálas, de Santa Catarina, sendo um costume trazido por fotógrafos estrangeiros para o Brasil (CARVALHO, 2009, p. 29). Entre os álbuns e recordações, muitas famílias ainda guardam imagens de falecidos em seu velório, ou mesmo fotografias tiradas no estúdio fotográfico, um importante acervo sobre as práticas funerárias de nosso estado, como na Imagem 35.

4. Celebrações dos mortos

Por todo o estado, o dia de Finados atrai muitas pessoas aos cemitérios para a visita aos mortos, sendo uma data na qual podem ser observados diferentes manifestações e ritos. Na cidade de Paulo Lopes, chama a atenção o costume local de visitar o cemitério no dia 1º de novembro à noite, até o momento o único evento deste tipo registrado em nosso Estado. Nesse dia uma missa ocorre às 19h30m na igreja matriz Sagrado Coração de Jesus, e parte do povo segue a procissão junto com o pa-

dre ou vai direto para o cemitério. O povo se reúne depois da missa, em torno da Cruz das almas onde ocorre outra cerimônia.

No cemitério, bem iluminado, as famílias costumam ficar em torno dos túmulos de parentes e amigos, já previamente limpos, onde rezam, acendem velas ficando até perto da meia-noite. No portão do cemitério são vendidos algodão doce e pipoca. Esta típica celebração ocorre no cemitério municipal da cidade, há quase cem anos, e ofusca o dia oficial dos mortos, quando também ocorrem visitas aos túmulos, mas em quantidade sempre menor do que no dia 1º de novembro.¹³

5. Lápides apagadas

Sabe-se que os cemitérios guardam memórias e histórias. Mas, de forma inusitada, isso ocorre também em partes ausentes de seu conjunto. Em muitas regiões de imigração teuta, ao adentrar em seus cemitérios, podem-se encontrar lápides com inscrições propositalmente apagadas, fruto da campanha de nacionalização ocorrida durante o Governo Vargas, que impôs medidas restritivas aos estrangeiros. Além de fechar escolas, trocar para o português a língua utilizada em placas comerciais, jornais, rádios e culto religiosos, as inscrições tumulares também foram alvos de ações neste período. Os agentes do governo apagavam da pedra e da madeira os epitáfios. Para Marlene de Fáveri, “[...] a proibição de nomear os mortos nas lápides doeu fundo nos imigrantes e descendentes: mexeu com o sagrado e a representação simbólica da religiosidade: os lugares da memória foram aviltados” (FÁVERI, 2005, p. 155). Podemos citar como lugar destas ações o cemitério de Santa Maria em Antônio Carlos (SC).

Para finalizar, destaca-se ainda o rico acervo guardado pela família Haas, de Blumenau. Ao longo de cem anos de atuação no mercado funerário, a família preservou fotografias, ferramentas, formas tumulares, catálogos, recortes de jornais e escritos pessoais, como o diário do fundador da empresa. Atualmente, a família busca apoio para salvaguar-

dar o acervo e disponibilizá-lo ao público, já que se trata do maior conjunto preservado deste tipo no Brasil até então conhecido.

13 Informação de Ruth Maria Machado, 55 anos, moradores de Paulo Lopes (SC). Acervo pessoal da autora.

CAPÍTULO 3 - POSSIBILIDADES E INICIATIVAS DE PRESERVAÇÃO DOS ACERVOS FUNERÁRIOS

No Brasil e no mundo, os cemitérios já figuram dentre os bens patrimoniais, muitos deles protegidos por tombamento, como o cemitério da Consolação em São Paulo ou o do Imigrante, em Joinville (SC). Porém, tal condição ainda é privilégio para poucos, e grande parte de nosso acervo não conta com ações de proteção e tampouco tem lugar nas propostas de preservação. E dentre todas as dificuldades enfrentadas no setor patrimonial, o cemitério ainda agrega uma a mais: o de relacionar-se com a morte.

Mas, para compreender os impeditivos para sua distinção como bem cultural é preciso levar em consideração os muitos modos de lidar com a morte, dada a diversidade de ritos, representações e crenças funerárias. Sem intenção de esgotar um tema tão diverso, no Brasil são encontradas histórias cercadas de medos, assombrações, causos e almas penadas e os cemitérios parecem ter adquirido a condição de “lugar do fantástico” com referências como a “cidade dos pés juntos”.

Ainda, a morte pode ser entendida, na contemporaneidade, a partir de um distanciamento em relação aos seus sinais, ritos e espaços com a afirmação de algumas atitudes como a localização do doente no hospital e o uso de uma arquitetura discreta nos cemitérios, principalmente, nos centros urbanos. É o que Philippe Ariès chamou, em sua célebre obra “A história da morte no ocidente”, de morte interdita (2003, p. 84). No Brasil, podemos falar que, excetuando algumas localidades rurais, nos grandes centros, a morte deixou um pouco a cena com a diminuição da ocorrência de velórios em casa e cortejos, paulatinamente, a partir da década de 1960, dentre outras mudanças.

A relação com a morte na atualidade prevê atitudes mais distanciadas com relação aos mortos e aos lugares a eles relacionados, e passa por considerar novidades tecnológicas que são oferecidas por

empresas funerárias, como crematórios para pets, como o Pet Memorial, de São Bernardo do Campo, São Paulo (PET MEMORIAL, 2013), ou ainda a possibilidade de transformar as cinzas de ente querido cremado em diamante, já disponível no Brasil (SAB, 2014). É possível também enviar as cinzas para o espaço dentro de uma pequena cápsula de foguete (FUNERÁRIA VATICANO, 2013).

O setor funerário disponibiliza, inclusive, a possibilidade de participar de velórios virtuais e com o computador pessoal e a internet cada vez mais presente no cotidiano, muitos dos que já partiram desta vida seguem “vivos” por meio de páginas em redes sociais, como Orkut e Facebook. Continuam recebendo mensagens após o falecimento (TOMASI, 2013, p.120) ou mesmo podem ter suas “vidas” preservadas, ou melhor, suas trajetórias por meio de blogs criados por eles ou feitos para homenagem póstuma.

Na perspectiva patrimonial, a morte vem ganhando espaço com a formação de associações e ações de tombamento. Os cemitérios, em muitos projetos turísticos, encaixam-se na proposta de cemitério museu¹⁴ e são chamados de “museus ao ar livre”. Tal justificativa é a mais encontrada em defesa de tombamentos ou em projetos de preservação.

Mas como preservá-los? Que tipos de ações podem ajudar a escolher os caminhos para a proteção dos acervos funerários? Podemos pensar em diferentes ações que serão apresentadas a seguir:

1 - Tombamento

O tombamento é um instrumento legal de ação pela preservação de um bem aplicado por meio de ato administrativo previsto no Brasil pelo Decreto -lei nº. 25, de 1937. O tombamento pode ocorrer em âmbito federal, feito pelo IPHAN, ou ainda nas esferas estaduais ou municipais, regido por leis específicas de cada estado ou município.

O tombamento não retira a propriedade do imóvel e permite transações comerciais e eventuais modificações, previamente autorizadas e acompanhadas pelos técnicos de um órgão competente. É

14 Será utilizada esta denominação para caracterizar iniciativas de transformação e adaptação do espaço cemiterial aos projetos de museus, ligados em grande medida às iniciativas da área de turismo.

uma ação que visa impedir legalmente a destruição ou descaracterização de um bem, contribuindo não só para a preservação da memória coletiva, mas também dos recursos e esforços investidos na sua construção (LEMOS, 2006, p. 85).

A ação do IPHAN mostra que, apesar de poucos, já existem, desde a década de 1930, alguns tombamentos específicos de cemitérios ou de partes de conjuntos funerários como, por exemplo, túmulos, estátuas funerárias e portões de entrada. Mesmo em seu anteprojeto de criação, elaborado por Mário de Andrade, encontravam-se, dentre as oito categorias de obra de arte patrimonial, as jazidas funerárias, as capelas e cruzes mortuárias de beira-estrada (ANDRADE, 1984, p. 42). Contudo, o conjunto de elementos funerários preservados pelo IPHAN é pequeno e nele estão:



Imagem 36 - Cemitério do Batalhão (PI)
Fonte: CASTRO, 2008, p. 64

Cemitério do Batalhão (PI) - Ali estão enterrados os mortos da Batalha do Genipapo, de 1823. Inscrição no Livro Histórico: nº 113, de 30/11/1938 e de Belas Artes: nº 232, de 30/11/1938.



Imagem 37 - Cemitério da Soledade (PA)
Fonte: CASTRO, 2008, p. 67

O cemitério de Nossa Senhora da Soledade (PA) - Inaugurado em 1850, ele possui pórtico e portão com desenho do arquiteto-engenheiro Pezerat. Inscrição no Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico: nº 029, de 23/01/1964.

Como exemplo de tombamento estadual, podemos citar o cemitério da Consolação, que inclui o Cemitério Protestante e o da Ordem Terceira do Carmo, em São Paulo, ocorrido em 2005. O seu ato de tombamento oferece algumas possibilidades de lidar com este tipo de bem, como especificações que determinam que as alterações a serem realizadas devem ser submetidas à aprovação do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT)¹⁵ e no caso dos sepultamentos, que eles poderão ocorrer normalmente desde que não venham a alterar, substancialmente, os bens tombados (BRASIL, 2014).

A declaração de monumento nacional concedida ao cemitério do Batalhão, no Piauí, e os tombamentos feitos por iniciativas estaduais, como no Paraná, onde foram tombados o jazigo da família Correia, em Paranaguá, e o panteão do Cemitério de Santa Felicidade, em Curitiba, são outros exemplos de ações de proteção.

15 Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo.

16 Pedro Calmon foi membro do Conselho Federal de Cultura.

A ação do IPHAN e mesmo a inclusão dos bens relacionados à morte em suas primeiras definições de patrimônio são pioneiras, mas ainda não são expressivas com relação ao patrimônio funerário. No caso dos sítios de sepultamentos arqueológicos, sepulturas e outros bens, eles estão protegidos pela lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961, em seu artigo 2º (BRASIL, 2013). O tombamento é a forma de proteção legal, mas temos outras formas de agir para a defesa dos bens culturais.

2 - Iniciativas públicas

No Brasil e no exterior, algumas iniciativas têm lançado novos olhares e novas questões sobre a preservação do patrimônio funerário e evidenciam que o tema dos cemitérios como bens culturais é antigo, apesar de ainda encontrar resistências. Começando pelas iniciativas nacionais, uma declaração da década de 1930 do autor Raimundo Lopes já mostrava sua preocupação com os cemitérios (LOPES, 1937, p. 83). Décadas depois, em 1966, por iniciativa do conselheiro Pedro Calmon¹⁶, foi enviada uma proposta de projeto de lei motivada pela denúncia de negociação da escultura do mausoléu da família do Barão de Cajaíba, na Bahia. O projeto visava impedir transações de túmulos perpétuos de interesse histórico e artístico, nos cemitérios públicos. Com as mesmas preocupações, o estudo elaborado por Afonso Arinos propôs ações que impedissem a destruição de jazigos perpétuos (CASTRO, 2008, p. 84). Nenhum dos dois virou lei e de forma específica não há leis que conduzam a ações específicas de proteção do patrimônio funerário.

Na década de 1970, no Compromisso de Brasília¹⁷, foi incorporado o pedido de defesa dos antigos cemitérios brasileiros (COMPROMISSO DE BRASÍLIA, 2013). No Conselho Federal de Cultura (CFC), criado em 21/11/1966 e dissolvido no governo de Fernando Collor, tinha, entre seus objetivos, o de incentivar os estudos sobre o tema dos cemitérios (CALABRE, 2006, p.2). Destaca-se a publicação, em 1972, da obra “Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros” de Clarival do Prado Valladares, mem-

bro do CFC e considerado referência nos estudos cimiteriais no Brasil.

3 - Publicações e documentos de referência

O National Trust of Austrália (NSW) publicou um guia, o Guidelines for cemetery conservation (Orientações para conservação dos cemitérios), para prestar assessoria e assistência técnica especializada em assuntos relacionados com a conservação e gestão dos cemitérios (GOCC, 2013). A publicação traça diretrizes de preservação dos cemitérios considerando-os locais significativos patrimonial e paisagisticamente para as comunidades: uma leitura de referência nesta área.

No ano de 2005, a “Carta Internacional de Morrelia”, proposta durante o “VI Encontro Iberoamericano e “Primeiro Congresso Internacional de Valorização de Cemitérios Patrimoniais e Arte Funerária”, no México propõe, entre outros, o conhecimento, e a apropriação social dos sítios funerários e destaca que eles recebem menos atenção que os demais bens apesar de serem testemunhos da riqueza cultural e espiritual dos povos e de sua diversidade. Como medidas de preservação, aponta a importância da identificação e catalogação de sítios, monumentos e rituais, incentivando o uso dos espaços funerários em rotas culturais (ADIOS, 2014).

Em 2006, a “Ata de compromisso e anteprojeto de lei para valorização, a proteção e a difusão do patrimônio funerário da cidade de Buenos Aires”, destacou, dentre os seus fundamentos, que o patrimônio funerário é uma riqueza que pertence às famílias, às comunidades e, por extensão, a todos os integrantes da humanidade. Consequentemente, os seus idealizadores se comprometeram a favorecer a integração das práticas funerárias antigas e contemporâneas, respeitando o patrimônio funerário existente (ADIOS, 2014).

Neste ponto, este documento parece remeter a algo que pode ser visto como contraposição na conservação de jazigos pretéritos. As novas concepções e formatos tumulares, em grande medida, parecem reforçar a depreciação dos modelos mais antigos,

17 Assinado durante o 1º Encontro dos governadores de Estado, secretários estaduais da área Cultural, prefeitos, presidentes e representantes de instituições culturais em abril de 1970 em Brasília.

quase sempre sem manutenção. Contudo, os novos formatos deveriam ressaltar a importância de manter os anteriores, por seu valor patrimonial, como parte da configuração deste conjunto. As mudanças empreendidas nos cemitérios são parte de sua dinâmica, porém muitas das reformas arquitetônicas e alterações de estilo ocorrem por desconhecimento do valor cultural das construções que registram, em sua materialidade, as concepções mortuárias do período em que foram construídas. O ideal é buscar o equilíbrio entre a necessidade de reformas e alteração, e a manutenção dos antigos jazigos.

A Organização Mundial do Setor Funerário (FIAT-IFTA, 2014) tem sua declaração acerca da importância de preservar o patrimônio funerário na forma de um “Estatuto do Patrimônio Funerário Mundial” onde se propõe a cooperar com o Centro de Patrimônio Mundial da UNESCO para fortalecer a presença dos bens funerários em sua lista. Em 2003, a UNESCO reconheceu o “Día de muertos” como patrimônio da humanidade, classificada como as festividades indígenas dedicadas aos mortos do México (UNESCO, 2014, p. 66).

Merece destaque ainda a realização em 1992 do “Primeiro congresso internacional sobre cemitérios contemporâneos, em Sevilha”, e, no ano seguinte, o “Primeiro Simpósio Internacional de Arte Cimiterial”, na Polônia (CARVALHO, 2012, p. 47). Em Portugal, o cemitério da Lapa, no Porto, foi indicado como patrimônio nacional (QUEIROZ, 2008, p. 3).

4 - Organizações, associações e iniciativas

A criação da Association of Significant Cemeteries in Europa (ASCE) - Associação de Cemitérios Históricos Monumentais, em Bolonha (Itália), no ano de 2001, passou a reunir 107 cidades de 22 países em ações de preservação funerárias (ASCE, 2014). O seu site divulga vários eventos além de apresentar textos e propostas na defesa do patrimônio funerário, indicando sua atuação marcante e abrangente em vários países.

No Brasil, merece destaque o início das atividades da Associação Brasileira de Estudos Cimiteriais (ABEC), fundada na Universidade de São Paulo (USP) durante o seu primeiro Congresso, que em 2004 reuniu pesquisadores de diferentes estados brasileiros. A ABEC realiza encontros nacionais, a cada dois anos, além de divulgar e fomentar, por

meio de seus membros, as pesquisas cimiteriais pelo Brasil. O pesquisador Eduardo Coelho Morgado Rezende, um dos fundadores e ex-presidente da ABEC, possui uma editora, a Necropolis (2013), especializada na publicação de livros sobre o tema.

Com o objetivo de manter cemitérios em diferentes lugares do mundo são encontradas associações como no Kensal Green em Londres, a Associação de Amigos do Cemitério da Recoleta e do Cemitério Acatólico de Roma, que buscam preservar seus conjuntos. Em Lima, no Peru, um programa chamado Adote uma escultura estimula o custeio de recuperação e conservação de unidades tumulares (QUEIROZ, 2008, p. 1-2). No Reino Unido, a National Federation of Cemetery Friends reúne voluntários e associações que administram e preservam os cemitérios.

Em Santa Catarina, na cidade de Jaraguá do Sul, as lápides dos túmulos reformados ou destruídos na comunidade de Rio Cerro são preservadas pelos responsáveis em um monumento onde são afixados, para preservar os dados e a história de cada falecido e família (APCC, 2013).



Imagem 38 - Cemitério de Vila Itoupava

Fonte: Acervo pessoal da autora

No cemitério de Vila Itoupava, Imagem 38, em Blumenau, observa-se igualmente a preocupação com as antigas lápides, aqui afixadas no muro do cemitério. Destaca-se que, apesar de não serem ações ideais, são práticas que podem colaborar para a preservação de parte do conjunto.

Ainda em Santa Catarina, destaca-se também o trabalho de Gil Konell, que coletou imagens em quase cem cemitérios e com a jornalista Néri Pedroso idealizou o livro “Extramuros” que apresenta o resultado de seu trabalho pela preservação (BMF, 2013). Destaca-se ainda a iniciativa da comunidade de São Martinho Alto, que, junto com o pedido de tombamento do antigo cemitério da localidade, aprovou um regulamento onde são previstas ações para preservação do local.

Outras iniciativas de pesquisadores e universidades, como da profa. Dra. Fabiana Comerlato, com a pesquisa sobre os cemitérios de Cachoeira e São Félix (UFRB, 2013), e em especial, o trabalho da profa. Dra. Maria Elizia Borges, professora da Universidade Federal de Goiás, e do professor Harry Bellomo, no Rio Grande do Sul, são importantes referências na área de pesquisa funerária no Brasil. A profa. Maria Elizia mantém um site sobre o tema (ARTE FUNERÁRIA BRASIL, 2013).

Mas um importante segmento econômico igualmente tem contribuído de forma substancial para a inclusão dos cemitérios, como um item das políticas culturais nas cidades, o turismo cultural.

5 - Turismo funerário

Nas últimas décadas, os cemitérios vêm aos poucos se reintegrando como lugar na cidade para outras visitas. Boa parte dos projetos de preservação do patrimônio funerário concilia a possibilidade de incluir os cemitérios em rotas culturais. Cidades como Paris, Buenos Aires e São Paulo incluem cemitérios como opções de turismo cultural, tratando-os como locais onde se pode encontrar parte da memória e história das cidades. Porém, apesar das novas iniciativas patrimoniais e também turísticas, os cemitérios como lugares de visitação ainda não são recebidos de forma pacífica. O site do Cemitério da Recoleta, em Buenos Aires, aponta o temor da morte e tudo que a ela está relacionado, como a causa da resistência à visita de cemitérios (CR, 2013).

A partir da década de 1990, os roteiros e visitas guiadas começaram a ser incrementados na Europa. No Brasil, o Cemitério da Consolação foi um dos primeiros a oferecer visitas com acompanhamento de guias (PMSP, 2013). Dentre os que têm destaque mundial na área de turismo estão o Cemitério Monumental, em Milão (CMM, 2014), e o Monumental de Staglieno (Imagem 39), em Gênova (CMS, 2013). Nos EUA, os cemitérios de New Orleans também são pontos turísticos (QUEIROZ, 2008, p. 2). Um dos lugares mais visitados em Buenos Aires, o Cemitério da Recoleta é um bom exemplo turístico e patrimonial. Ele possui uma página virtual (CR, 2013) e é considerado “Museu Histórico Nacional” desde o ano de 1946, contando com o apoio do Ministério de Cultura e da “Associação de Amigos do Cemitério da Recoleta”.



Imagem 39 - Cemitério Monumental de Staglieno
Fonte: CMS, 2013

O parisiense Père-Lachaise é uma das atrações mais populares da capital francesa, com muitos túmulos de celebridades como Jim Morrison, Óscar Wilde, Frédéric Chopin e Maria Callas. Por sua dimensão e popularidade, tal como o Recoleta, ele é referência quando o tema é a relação entre cemitérios, turismo e patrimônio. Quem o visita conta com uma central de informações, mapas e folders para auxiliar a visita (CP, 2013).



Imagem 40 - Visitantes no túmulo de Evita Perón no Recoleta. Fonte: Acervo pessoal da autora



Imagem 41 - Túmulo de Jim Morrison no Père- Lachaise
Fonte: Acervo pessoal da autora

Em 2010, o Conselho da Europa reconheceu a Rota Europeia dos Cemitérios, uma iniciativa da ASCE. A rota tem visitas guiadas estabelecendo pela primeira vez um itinerário com 33 cidades, dentre elas, as espanholas Madrid e Granada (VD, 2013). No cemitério Hollywood Forever, durante o verão, é possível assistir a filmes junto à tumba de Douglas Fairbanks ou Rodolfo Valentino. A procura por este programa, cujas sessões começam ao cair da tarde, é grande (REVISTA ADIOS, 2013). Uma boa iniciativa são as visitas guiadas que já ocorrem em cemitérios brasileiros, como no Nosso Senhor do Bonfim, em Minas Gerais, com a coordenação da Profa. Dra. Marcelina das Graças Almeida; no Paraná, no São Francisco de Paula, com Clarissa Gras-

si; e, em Porto Alegre, com Luiza Fabiana Neitzke de Carvalho, todas membros da ABEC.

Em Roma, o cemitério acatólico de Roma - Campo Cestio (Imagem 42), antigo cemitério para acatólicos, onde predominam os túmulos de pequeno e médio porte, atrai muitos visitantes. Este cemitério possui um centro de informações e um jornal distribuído gratuitamente aos visitantes (CAR, 2013).



Imagem 42 - Cemitério acatólico de Roma
Fonte: Acervo pessoal da autora

Tal como no Cemitério acatólico de Roma, no caso dos cemitérios teutos encontrados em Santa Catarina, o turismo e suas propostas teriam que levar em consideração a particularidade de sua arquitetura como os epitáfios elaborados, túmulos com detalhes ornamentais, símbolos decorativos, obras genuínas e uma natureza que se incorpora à arquitetura do espaço (CARRASCO, 2013, p. 46).

O website é outra modalidade utilizada para divulgar os cemitérios turísticos. O cemitério Père-Lachaise (CP, 2013) conta com uma página onde é possível fazer um tour virtual em duas línguas: francês e inglês. Na América do Sul, os cemitérios aparecem como pontos ou como anexos de lugares turísticos. É o caso do Forte São Miguel, no Uruguai, construído em 1734, onde é possível visitar o antigo

cemitério do forte integrado ao conjunto e indicado por placas no caminho que lhe dá acesso.

Mas, o que podemos fazer?

Primeiramente, além de reconhecer a importância de preservar, seja um local de sepultamento, monumento, túmulo ou outro tipo de bem funerário, é importante considerar a sua especificidade: o de relacionar-se com a morte e, principalmente, no caso dos cemitérios, de serem lugares de sepultamentos e rituais. Em decorrência de sua função, as ações a serem empreendidas nos sítios de sepultamento devem sempre concorrer para a preservação de sua condição e respeitar as relações religiosas, familiares e afetivas ali estabelecidas. O reconhecimento de um bem funerário como cultural e passível de participar, inclusive de rotas turísticas, exige compreender essencialmente a sua categoria de patrimônio sensível cujas manifestações materiais e imateriais falam sobre crenças e perdas familiares.

Considerando o seu caráter especial, algumas ações podem contribuir para a sua preservação, e o órgão oficial de patrimônio australiano, o NSW Heritage Office, possui uma lista com critérios utilizados para determinar o significado patrimonial dos cemitérios e demais bens funerários. Os critérios são:

- ser importante ou modelo para a história cultural ou natural;
- servir para a demonstração de características estéticas ou técnicas construtivas;
- ter associação especial com uma determinada comunidade ou grupo, por razões sociais, culturais ou espirituais;
- ter potencial para produzir informação e contribuir para a compreensão da história cultural ou natural; e
- possuir aspectos incomuns, raros ou estar em perigo.

A participação da comunidade é vital para a consolidação das ações a serem realizadas na preservação de um bem e, a partir da constatação da importância de sua manutenção, o cidadão ou

grupo de pessoas interessados pode, como uma primeira ação, de caráter legal, solicitar o tombamento em órgão municipal, estadual ou federal. Isso deve ser feito mediante o encaminhamento de um pedido de tombamento com documentos, justificativas e imagens que fundamentem a importância da ação.¹⁸

O tombamento é ação do estado para a conservação de um bem e a única que tem efeito legal. Porém, outros procedimentos podem contribuir para a defesa de um acervo ou espaço identificado como importante e são acessíveis à sociedade civil. Uma proposta é a dos “Inventários Afetivos”, instrumento proposto pela OSCIP Defender (Defesa Civil do Patrimônio Histórico) para possibilitar ações em defesa do patrimônio. No caso dos “Inventários Afetivos”, os interessados, individuais ou em grupos, realizam um levantamento, que não substitui o papel dos inventários de patrimônio cultural, na defesa dos bens culturais por meio de uma ficha modelo que servirá de subsídio. A proposta valoriza a ação de pessoas que vivem e se relacionam com o patrimônio prestando-lhes valores que ultrapassam as questões mais técnicas, como as memórias afetivas. O site da Defender disponibilizará os resultados dos levantamentos, além de oferecer informações e a ficha modelo para realização do inventário (DEFENDER, 2014).

Colaborando com a proposta dos inventários afetivos, alguns procedimentos podem concorrer para a sua eficácia. No caso dos cemitérios, a coleta de dados básicos (como os presentes na ficha de solicitação de tombamento funerário da FCC, em anexo), junto com a realização de um inventário fotográfico são formas possíveis de contribuir para a preservação dos bens funerários.

O **inventário fotográfico** é um método para resguardar as informações presentes nos sítios e acervos funerários, sempre lembrando que o tombamento é o único que garante a sua salvaguarda. O procedimento para a realização do inventário fotográfico exige a posse de uma máquina digital com qualidade mínima recomendada entre 8 a 10 megapixels e, se for possível, o inventário pode ser complementado com a realização da filmagem do

18 Em anexo, ao final deste guia, está a ficha de solicitação de tombamento à Fundação Catarinense de Cultura.

local. As fotografias devem contemplar os seguintes itens:

- estradas ou vias de acesso ao cemitério;
- entorno;
- portão ou entrada;
- vistas gerais ou panorâmicas do conjunto;
- edificações presentes no cemitério, como cruzeiros, capelas ou depósitos;
- espaço dos inocentes, setores mais antigos, recentes e túmulos considerados significativos; e
- rituais e demais singularidades observadas.

As recomendações acima dizem respeito a um levantamento fotográfico geral. No caso de um **levantamento detalhado**, além dos itens supracitados, recomenda-se fotografar cada unidade tumular da seguinte maneira:



Imagem 43 - Partes de um túmulo
Autoria: Alice de Oliveira Viana
Fonte: Acervo pessoal da autora

uma imagem da parte frontal sem cortar as extremidades da construção, das laterais, da parte traseira, das inscrições, ornamentos, ritos e detalhes do estado de conservação. A Imagem 43 apresenta as principais partes e detalhes a serem observados na coleta de imagens.

As imagens farão parte de um banco que poderá subsidiar pesquisas e ações de preservação efetivas, resguardando as informações e as características encontradas no sítio por ocasião do levantamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando tratamos de patrimônio, falamos de herança e daquilo que se pretende preservar por possibilitar a rememoração e por guardar valores e costumes considerados importantes para dada comunidade ou grupo. Contrariamente, a morte e o seu conjunto de bens, por vezes, pouco parecem ajustar-se ao que se julga necessário preservar. Contudo, o sentido da palavra patrimônio é múltiplo e tornou-se dinâmico ao longo das últimas décadas, o que corrobora para as questões aqui apresentadas e para repensar novas e instigantes possibilidades culturais;

A proposta principal do guia foi aproximar os olhares e significados dirigidos ao que é patrimônio das ações de homens e mulheres em torno do evento da morte e de seus acervos, considerando que eles estão marcados por relações afetivas, familiares, pessoais e sociais.

Para tanto, foi visto que é preciso mais do que rever determinados conceitos; é necessário ampliá-los de forma a abarcar as diversas manifestações humanas e deixar o que por vezes nos assombra tornar-se alvo de ações de preservação e diálogos patrimoniais.

Sabe-se que ao tema funerário falta o incentivo à pesquisa, a divulgação e ações educativas para tornar o tema menos intimidante. O guia é, sem dúvida, um primeiro e importante passo nessa direção. Ele dirigiu seu olhar para a morte e evidenciou seu papel na cultura e na história com o objetivo de indicar formas de reconhecer e agir em defesa dos bens funerários. Por fim, espera-se com esta obra que a morte assuste menos e permita contar outras histórias.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Antônio Luiz Dias de. O tombamento na preservação de áreas naturais. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, nº 19, 1984 (1). Rio de Janeiro. Disponível em: < <http://www.docvirt.com/W1/hotpages/hotpage.aspx?bib=Re-vIPHAN&pagfis=10873&pesq=&url=http://docvirt.com/docreader.net>>. Acesso em: 14 fev. 2014.
- ANDRADE JÚNIOR, Lourival. **Da Barraca ao Túmulo: Cigana Sebinca Christo e as construções de uma devoção**. Tese (Doutorado em História) UFPR, Curitiba, 2008.
- ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- BELLOMO, Harry Rodrigues (Org). **Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- BORGES, Maria Elizia. **Arte funerária no Brasil (1890-1930): ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto**. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2002.
- CALABRE, Lia. Intelectuais e política cultural: o Conselho Federal de Cultura. Atas do colóquio intelectuais, cultura e política no mundo ibero-americano. Rio de Janeiro. 17 -18 de maio de 2006. In: **Intellectus**, Ano 05 Vol. II, Revista Eletrônica. Disponível em: <www.intellectus.uerj.br/coloquio/Adelia_Migliovich_e_Glauber_Matias___Atas%5B1%5D.pdf>. Acesso em: 21 out. 2013.
- CARRASCO, Gessônia Leite de Andrade; NAPPI, Sérgio Castello Branco. Cemitérios como fonte de pesquisa, de educação patrimonial e de turismo. In: **Revista Museologia e Patrimônio**. Rio de Janeiro, v.2, nº2, jul/dez de 2009. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/60/73>>. Acesso em: 25 nov. 2013.
- CARVALHO, Hugo Pereira de. **A inclusão do cemitério no espaço da cidade**. Mestrado em Arquitetura. Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Arquitetura. Lisboa, janeiro de 2012.
- CARVALHO, Paula Cristina Freire Guerra Moura. **Six feet under: a temática da morte nos Estados Unidos da América**. 2009. 162p. Dissertação (Mestrado em estudos americanos). Universidade Aberta, Lisboa, 2009.
- CASTRO, Elisiana Trilha. **Aqui Jaz um cemitério: a transferência do cemitério Público de Florianópolis, 1923-1926**. 2004. Monografia (Graduação em História) - Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.
- CASTRO, Elisiana Trilha. **Aqui também jaz um patrimônio: identidade, memória e preservação patrimonial a partir do tombamento de um cemitério (o caso do Cemitério do Imigrante de Joinville/SC, 1962-2008)**. Florianópolis, SC, 2008. 1 v. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade.
- CASTRO, Elisiana Trilha. **Hier ruht in Gott: inventário de cemitérios de imigrantes alemães da região da Grande Florianópolis**. Blumenau: Nova Letra, 2008. 302p. ISBN 9788576823186
- CASTRO, Elisiana Trilha. **Lugares de antepassados, lugares de história: inventário de cemitérios de imigrantes em Vila Itoupava (Blumenau/SC)**. Blumenau: Fundação Cultural de Blumenau, 2010 [relatório final].
- CATOGRA, Fernando. **O Céu da Memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos**. Coimbra: Minerva, 1999.
- CYMBALISTA, Renato. **A cidade dos vivos: arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do Estado de São Paulo**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2002.
- FÁVERI, Marlene de. **Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina**. 2a. Ed. Florianópolis: UFSC; Itajaí: Univali, 2005.
- FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime (Orgs). **Turismo e Patrimônio cultural**. São Paulo: Contexto, 2005.
- HERBERTS, Ana Lucia; CASTRO, Elisiana Trilha. **Cemitérios no caminho: o patrimônio funerário ao longo do Caminho das Tropas nos Campos de Lages**. Blumenau, SC: Nova Letra, 2011. 363 p
- LEMOS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico?** São Paulo: Brasiliense, 2006.

- LOPES, Raimundo. A natureza e os monumentos culturais. In: **Revista do IPHAN**, n.º. 01, 1937. Rio de Janeiro: IPHAN, 1937, p. 77-98. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=G:\Trbs_N\RevIPHAN\RevIPHAN.docpro>. Acesso em: 03 dez. 2013.
- MATOS, Alderi Souza de. O Cemitério dos Protestantes de São Paulo: Repouso dos Pioneiros Presbiterianos. In: **Cemitérios SP**. Disponível em: < http://www.cemiteriosp.com.br/pdf/Cem_Protestantes_S%E3o%20Paulo.pdf >. Acesso em 21 out. 2013.
- MENDONÇA, Francisco de Assis; DUTRA, Denecir de Almeida. Saúde pública, urbanização e dengue no Brasil. **Sociedade & Natureza**, v. 21, n. 3, p. 257-269, 2009.
- NUNES, Sara. **Caso Canozzi**: um crime e vários sentidos. Florianópolis, SC, 2007. 154 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História.
- OLIVEIRA, Maria Manuel Lobo Pinto de. **In memórias, na cidade**. Tese de Doutorado em Arquitetura, Concentração Cultura Arquitetônica. Universidade do Minho: Braga, 2007.
- PAGOTO, Amanda Aparecida. **Do âmbito sagrado da Igreja ao cemitério público**: transformações fúnebres em São Paulo (1850-1860). São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.
- QUEIROZ, Francisco. Os cemitérios históricos e o seu potencial turístico em Portugal. In: **21 gramas - portal funerário**. Disponível em:< <http://21gramas.pt/Uploads/17480711200709.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2013.
- REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. **Cemitérios**. São Paulo: Necrópolis, 2007.
- SUTERO, Tais. Cemitério com três séculos de existência. **Portal da Prefeitura de Laguna**, 01/11/2012. Disponível em: <http://www.laguna.sc.gov.br/noticias.php?cod_noticia=6107>. Acesso em: 18 nov. 2013.
- TEIXEIRA, Rubenilson Brazão. Igreja e cemitério na província do Rio Grande do Norte: interações entre o sagrado e o profano. In: **Mercator** - Revista de Geografia da UFC, ano 05, número 09, 2006. Disponível em: < <http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/viewArticle/84>>. Acesso em: 21 jan. 2014.
- TOMASI, Julia Massucheti. **Morte à italiana**: os ritos funerários no município de Urussanga (SC) no decorrer do século XX. 2010. 121 p. TCC (graduação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Centro de Ciências Humanas e da Educação, Curso de História, Florianópolis, 2010.
- TOMASI, Julia Massucheti. **Eternamente off-line**: as práticas do luto na rede social do orkut no Brasil (2004-2011). 2013. 178 p. : Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado em História, Florianópolis, 2013.
- VALLADARES, Clarival do Prado. **Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros**: um estudo da arte cimiterial ocorrida no Brasil desde as sepulturas de igrejas e as catacumbas de Ordens e Confrarias até necrópoles secularizadas. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, vol. I, 1972.
- VEIGA, Eliane Veras da (Org.). **Glossário de história da arte e da arquitetura**. Balneário Camboriú: Editorial UNIVALI, 1997.
- VELHO, Gilberto. Patrimônio, negociação e conflito. In: **Mana**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132006000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 dez. 2013.
- VILAR, Hermínia Vasconcelos. **A vivência da morte no Portugal medieval**. A estremadura portuguesa, 1300-1500. Cascais: Redondo, 1995.
- IMAGENS**
- ANTUNES; SCHMID. **Cemitério de beira de estrada**. In: Panoramio. Disponível em: <<http://www.panoramio.com/photo/31406232>>. Acesso em: 18 dez. 2013a.
- ANTUNES; SCHMID. **Cemitério de beira de estrada- Painel, SC**. In: Panoramio. Disponível em: < <http://www.panoramio.com/photo/7650330?tag=Cemit%C3%A9rios%20-%20cemeteries>>. Acesso em: 18 dez. 2013b.
- ANTUNES; SCHMID. **Cemitério abandonado - São José, Nova Veneza (SC)**. In: Panoramio. Disponível em: < <http://www.panoramio.com/photo/40387494>>. Acesso em: 18 dez. 2013c.
- BITTAR, Yuri. **Cemitério do Casqueiro**. In:

Flickr. <<http://www.flickr.com/photos/yuribitar/7592968126/sizes/o/in/photostream/>> . Acesso em: 10 nov. 2013.

BOESING, Leonardo. [Sem título]. In: Tílias News. Disponível em: <<http://www.tiliasnews.com/2013/10/cemiterio-municipal-recebe-melhorias.html>>. Acesso em: 12 out. 2013.

FARIA, Fernando. **Cemitério Pinhal - São Joaquim/SC**. In: Panoramio. Disponível em: http://www.panoramio.com/photo_explorer#view=photo&position=19&with_photo_id=88716875&order=date_desc&user=5305076. >. Acesso em: 16 nov. 2013.

Fragmentos do Tempo. **Antigo cemitério de Taquaruçu**. In: Fragmentos do tempo. Disponível em: <<http://fragmentos-do-tempo.blogspot.com.br/2008/12/o-contestado-na-lente-de-marco-cesar-5.html>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

GUEDES, Dinarte. **Que cemitério é esse?**, 16 de maio de 2013. In: Onde fica Porto União. Disponível em: <http://ondeficaportouniao.blogspot.com.br/2013/05/que-cemiterio-e-esse_16.html>. Acesso em: 5 nov. 2013.

IRION, José Neto. **Cemitério abandonado Uru-bici - Bom Jardim da Serra**. In: Flickr. Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/irionn/3020040424/in/photostream/>>. Acesso em: 22 nov. 2013.

KINDEL, Ivo. **Detalhe da lua no portal do cemitério - Lontras - SC**. In: Panoramio. Disponível em: <<http://www.panoramio.com/photo/66832854>>. Acesso em: 18 nov. 2013.

PILON, Noberto. **Cemitério céu azul**. In: Panoramio. Disponível em: <<http://www.panoramio.com/photo/71965579>>. Acesso em: 17 out. 2013.

SALVADOR, Dalvino Francisco. **Vista parcial do cemitério do Contestado**. In: Panoramio. Disponível em: <<http://www.panoramio.com/photo/38123263?tag=Cemit%C3%A9rio%20do%20Contestado>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

SILVA, Evandro Caetano da. **Cemitério Municipal - Joinville/SC**. In: Panoramio. Disponível em: <<http://www.panoramio.com/photo/14411496>>. Acesso em: 11 nov. 2013.

VENTURI, Claudia. **Cemitério de Rodeio**. In: Panoramio. Disponível em: <http://www.panoramio.com/photo_explorer#view=photo&position=1&with_photo_id=19072150&order=date&u-

ser=2693382&tag=Rodeio>. Acesso em: 14 nov. 2013.

WIKIPÉDIA. **Cemitério dos imigrantes italianos de Azambuja**. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2013. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Cemit%C3%A9rio_dos_Imigrantes_Italianos_de_Azambuja&oldid=36524205>. Acesso em: 21 out. 2013.

WUNDERLICH, Mauro. **Cemitério antigo**. In: Panoramio. Disponível em: <<http://www.panoramio.com/photo/28604066>>. Acesso em: 21 nov. 2013.

PORTAIS DE INTERNET

ABEC - Associação Brasileira de Estudos Cemite-riais. Disponível em: <abecbrasil.blogspot.com>. Acesso em: 12 out. 2013.

ADIOS - Órgão oficial da Rede Argentina de Valori-zação e Gestão Patrimonial dos Cemitérios e Rede Iberoamericana e Internacional de Valorização e gestão de cemitérios patrimoniais. Disponível em: <<http://www.revistaadios.com>>. Acesso em: 11 fev. 2014.

APCC - Arte tumular, perspectiva, cultura e civiliza-ção. **Associativismo cemiteiral, desde os primórdios da colonização alemã e pomerana**. Disponí-vel em: <<http://valeitapocu-cemiterioculturaarte.blogspot.com.br/2009/06/associativismo-cemite-rial-desde-os.html>>. Acesso em: 18 nov. 2013.

Arte funerária Brasil. Disponível em: <<http://www.artefunerariabrasil.com.br/index.php>>. Acesso em: 21 out. 2013.

ASCE - Associação dos Cemitérios Históricos Monumentais da Europa. Disponível em: <<http://www.significantcemeteries.net/>>. Acesso em: 22 jan. 2014.

BMF - **Blog do Marcelo Fernandes**. Disponível em: <<http://blogdomarcelofernanandes.blogspot.com.br/2011/07/historias-escondidas-nas-lapides-de.html>>. Acesso em: 15 dez. 2013.

CAR - **Cemitério acatólico de Roma**. Disponível em: <<http://cemeteryrome.it/>>. Acesso em: 6 set. 2013.

CMM - **Cemitério Monumental de Milão**. Disponí-vel em: <<http://www.monumentale.net/inter-namenu.aspx?codice=000000006&tema=1>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

CMS - Cemitério Monumental de Staglieno. Disponível em: < <http://www.staglieno.comune.genova.it/> >. Acesso em: 17 jan. 2013.

CP - Cemitério Père-Lachaise. Disponível em: <<http://www.pere-lachaise.com>>. Acesso em: 21 nov. 2013.

CR - Cemitério da Recoleta. Disponível em:<<http://www.cementeriorecoleta.com.ar/>>. Acesso em: 17 jan. 2013.

DEZAN, Anderson. Há quase 50 anos, idoso cuida do único cemitério de passarinhos do Brasil. In: **Portal Último Segundo**, 19/08/2012. Disponível em; <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/rj/2012-08-19/ha-quase-50-anos-idoso-cuida-do-unico-cemiterio-de-passarinhos-do-brasil.html>>_. Acesso em: 14 nov. 2013.

DEFENDER - Projeto Inventários Afetivos. In: **Defender**. Disponível em: <<http://defender.org.br/projeto-inventarios-afetivos/>>. Acesso em: 12 jan. 2014.

DPV - Curiosidade: Edith Gaertner e seu cemitério de gatos, Blumenau (SC), 6/8/2010. In: **Dona de primeira viagem** <<http://donadeprimeiraviagem.blogspot.com.br/2010/08/curiosidade-edith-gaertner-e-seu.html>>. Acesso em: 21 out. 2013.

FCC - Fundação Catarinense de Cultura. Disponível em: <<http://www.fcc.sc.gov.br/patrimoniocultural/pagina/13286/regioesmuseologicasdesantacatarina>>. Acesso em: 1 out. 2013.

FIAT-IFTA- Estatuto do Patrimônio Funerário Mundial. Disponível em: < <http://www.thanos.org/en/page/funeral-heritage/charter> >. Disponível em: 17 fev. 2014.

Funerária Vaticano. Disponível em: <http://www.funerariavaticano.com.br/paginas/envio_de_cinzas_ao_espaco.html>. Acesso em: 8 nov. 2013.

GHOST BIKES. Disponível em: <<http://ghostbikes.org/>>. Acesso em 21 out. 2013.

GOCC - Guia com Orientações para Conservação dos Cemitérios. In: **National Trust of Australia**, Guidelines for cemetery conservation. Disponível em: < http://www.nationaltrust.org.au/Assets/9719/1/cemetery_conservation_guide.pdf >. Acesso em: 18 jan. 2013, tradução da autora.

Grupo Altstut. Disponível em: <<http://www.memorialsantos.com.br/historia/historia.html>>. Acesso em: 1 dez. 2013.

IPHAN. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br>>. Acesso em: 21 out. 2013.

LNA - La negra pantera. Disponível em; <<http://lanegrapantera.wordpress.com/2010/05/12/cemiterio-dos-gatos-blumenau/>>. Acesso em: 11 out. 2013.

LFV - Epitáfios romanos. In: **Los fuegos de Vesta**. Disponível em: <http://losfuegosdevesta.blogspot.com.br/2013/01/epitafios-romanos-ii.html>. Acesso em: 21 out. 2013.

NAUI-UFSC. Disponível em: <nau.ufsc.br/projetos>. Acesso em: 21 out. 2013.

Necrópolis Editora. Disponível em: < <http://www.necropolis.com.br/>>. Acesso em: 21 set. 2013.

PET MEMORIAL. Disponível em: < www.petmemorial.com.br>. Acesso em: 14 jul. 2013.

PVA - Patrimoine de La Ville d'Arles. Disponível em: <www.patrimoine.ville-arles.fr>. Acesso em: 7 out. 2013.

PMSP - Portal da Prefeitura Municipal do Estado de São Paulo. Disponível em: <http://portal.prefeitura.sp.gov.br/empresas_autarquias/servico_funerario/arte_tumular/OO01>. Acesso em: 26 out. 2013.

Portal Chapecó. Disponível em: <<http://idchapeco.com.br/cemiterio-municipal-de-xaxim-nao-possui-vagas-disponiveis-news-9597.html>>. Acesso em: 22 dez. 2013.

PR - Presidência da República. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 8 jan. 2014.

REVISTA ADIOS. 49 cemeterios de 16 paises ya son Itinerario Cultural europeo. **Revista adiós**, nº 83, ano XIV, julho/agosto 2010. Itinerário Cultural Europeu. Disponível em: < <http://www.revistaadios.es/>>. Acesso em: 18 out. 2013.

SAB. Brasileiros já dispõem de diamante humano. In: **Scientific American Brasil**. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/sciam/noticias/brasil-brasileiros_ja_dispoem_de_diamante_humano.html>. Acesso em: 07 fev. 2013.

UFRB. **Recôncavo arqueológico**. Disponível em: <<http://www.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico>>. Acesso em: 18 nov. 2013.

UNESCO - Obras primas do patrimônio oral e imaterial da humanidade. In: **UNESCO**. Dis-

ponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001473/147344S.pdf>>._ Acesso em: 3 fev. 2014.

VD - **Viagens Dicas**. Disponível em:<<http://www.viagensdicas.com.br/europa/rota-europeia-dos-cemiterios.html>>. Acesso em: 22 nov. 2013.

LEGISLAÇÃO

BRASIL. Lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961. Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos. In: **Planalto**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L3924.htm>. Acesso em: 18 jan. 2013.

BRASIL. Resolução SC 28/O5 de 28 de junho de 2005. Tombamento dos Cemitérios da Consolação, dos Protestantes e da Ordem Terceira do Carmo, incluindo a regulamentação da área envoltória. In: **Prefeitura de São Paulo**. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/cb189_RES.%20SC%20N%2028%20-%20Cemiterios%20da%20Consolacao%20Protestantes%20Ordem.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2014.

COMPROMISSO DE BRASÍLIA DE ABRIL DE 1970 - 1º Encontro dos Governadores de Estado, Secretários Estaduais da Área Cultural, Prefeitos de Municípios Interessados, Presidentes e Representantes de Instituições Culturais. In: **IPHAN**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=240>>. Acesso em: 19 out. 2013.

ANEXO

Informações ao solicitante:

Recomendamos o preenchimento deste formulário com o maior número de dados possíveis e o encaminhamento de fotografias ou vídeo para conhecimento inicial do sítio. As imagens devem permitir a visualização do conjunto, de seu entorno e de detalhes considerados importantes para o pedido em questão. Favor anexar materiais como notícias de jornais e outros documentos que possam complementar as motivações do tombamento.

DADOS BEM FUNERÁRIO		
Dados gerais		
Denominação:		
Proprietário:		
Ano de fundação:		
<input type="checkbox"/> Em uso		
<input type="checkbox"/> Abandonado		
<input type="checkbox"/> Sem uso		
Denominação da comunidade religiosa:		
Endereço:		
Rua:	nº:	bairro:
CEP:	Município:	complemento:
Nome do solicitante:		
Número aproximado de sepulturas:		
Data sepultamento mais antigo:		
Data sepultamento mais recente:		
Possui delimitação? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não Qual?:		

Topografia		
<input type="checkbox"/> plano	<input type="checkbox"/> encosta	<input type="checkbox"/> topo de colina
Estado de conservação		
<input type="checkbox"/> bom	<input type="checkbox"/> regular	<input type="checkbox"/> ruim
Drenagem do solo		
<input type="checkbox"/> boa	<input type="checkbox"/> regular	<input type="checkbox"/> ruim
Segurança		
<input type="checkbox"/> boa	<input type="checkbox"/> regular	<input type="checkbox"/> ruim
Iluminação		
<input type="checkbox"/> boa	<input type="checkbox"/> regular	<input type="checkbox"/> ruim
Limpeza		
<input type="checkbox"/> boa	<input type="checkbox"/> regular	<input type="checkbox"/> ruim
Acesso		
<input type="checkbox"/> bom	<input type="checkbox"/> regular	<input type="checkbox"/> ruim
Ocorrência de:		
<input type="checkbox"/> danos por vegetação		
<input type="checkbox"/> erosão		
<input type="checkbox"/> estruturas quebradas ou rachadas		
<input type="checkbox"/> vandalismo		
Motivações do pedido:		
Data:		Autor das imagens:

GLOSSÁRIO

Alegoria: obra de arte representando uma ideia abstrata. Uma representação figurativa, que transmite outro conceito para além do literal, geralmente encontradas em esculturas.

Anjo: representação de figura alada encontrada em esculturas, painéis, em diferentes formatos e materiais.

Cabeceira proeminente: por cabeceira entende-se o elemento localizado na parte superior da sepultura, onde geralmente, estão os dados sobre o morto, epitáfio e ornamentos. São consideradas como proeminentes, as cabeceiras que se destacam ou por seu tamanho das demais presentes no mesmo cemitério, ultrapassando a largura de um sepultamento e a altura padrão das demais cabeceiras, como também, pela presença de um ornamento destacado.

Cemitério secularizado: Entende-se por cemitérios secularizados ou convencionais aqueles, em sua maioria, surgidos no Brasil no século XIX e que se caracterizam pela presença de sepultamentos realizados em construções funerárias, como túmulos ou mausoléus, podendo também aparecer na forma de cova simples, fora do espaço interno das igrejas. Também conhecido como a "céu aberto", tradicionais, extramuros ou monumentais.

Conjunto de inocentes: conjunto ou agrupamento de sepultamentos de inocentes em um ou mais setores.

Cova simples: é o tipo de sepultamento que não possui construção tumular sobre o espaço do corpo sepulto e nem delimitação deste espaço. A cova simples apresenta, geralmente, na parte superior do sepultamento uma cruz, cabeceira ou outro tipo de sinalização da sepultura.

Cruzeiro: também conhecido como cruz das almas, é uma cruz em pedra ou madeira, normalmente colocada sobre uma pequena plataforma em um local de destaque dentro do cemitério. Podem ser de diversas dimensões e são encontrados nos adros das igrejas, estradas, praças, cemitérios, lugares elevados ou em encruzilhadas de caminhos (VEIGA, 1997, p. 35).

Epitáfio: são palavras, frases ou textos adicionais aos dados do sepultado (datas e nome) presentes nas sepulturas. Eles podem ser citações bíblicas ou

frases celebrativas do morto ou de sua memória, geralmente, presentes nas lápides, mas podendo vir também, horizontalmente sobre o túmulo.

Jazigo: considera-se jazigo a edificação horizontalizada para sepultamento de várias pessoas, geralmente, de menor porte que o mausoléu e maior que o túmulo.

Lápide: Local (suporte) onde está a inscrição, podendo ser vertical, geralmente junto a cabeceira, ou horizontal.

Mausoléu: trata-se de um túmulo de grande porte, que ultrapassa as dimensões do túmulo por meio de um formato que remete a casas, capelas e que podem agregar diferentes referenciais, como esculturas e outros ornamentos, podendo abrigar um ou mais sepultamentos.

Miasmas: De acordo com a teoria dos miasmas as sujeiras externas e odores deveriam ser eliminados para deter a transmissão e disseminação de doenças. No caso dos sepultamentos, a decomposição era tida como um agravante na transmissão de doenças (MENDONÇA; DUTRA, 2009, p. 260).

Ornamentos: todo símbolo ou adereço presente em uma sepultura, podendo ser, por exemplo, pintado ou entalhado, com a proposta de embelezamento ou para referências religiosas.

Presença de sobrenome de solteira: prática encontrada nas comunidades teuto-brasileiras de inserir, nos sepultamentos de mulheres casadas, o sobrenome de solteira junto ao nome completo da sepultada.

Ritos: Entende-se por ritos funerários as ações realizadas após o sepultamento, como a colocação de flores (naturais ou artificiais), as velas e outras práticas que possuem caráter simbólico, geralmente, ligados a crenças religiosas e que podem ocorrer com certa regularidade.

Símbolo decorativo: são pinturas ou pequenos elementos decorativos em baixo ou alto relevo presentes nas sepulturas.

Túmulo: construção erguida, em memória de alguém, no lugar onde se acha sepultado, podendo abrigar um ou mais sepultamentos. A construção pode cobrir o espaço da sepultura ou delimitá-la, podendo ainda conter cabeceira ou lápide horizontal.





